

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**

ROBERTO DE SANCTIS FARIAS

**A EVOLUÇÃO DO ESPORTE
MODERNO E O
DESENVOLVIMENTO DAS
CATEGORIAS DE FORMAÇÃO DO
BASQUETEBOL MASCULINO NO
ESTADO DE SÃO PAULO:
Análises preliminares**

Campinas
2005



ROBERTO DE SANCTIS FARIAS

**A EVOLUÇÃO DO ESPORTE
MODERNO E O
DESENVOLVIMENTO DAS
CATEGORIAS DE FORMAÇÃO DO
BASQUETEBOL MASCULINO NO
ESTADO DE SÃO PAULO:
Análises preliminares**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Graduação) apresentado à Faculdade de
Educação Física da Universidade
Estadual de Campinas para obtenção do
título de Bacharel em Educação Física.

Orientador: Prof. Dr. Paulo César Montagner
Co-Orientador: Prof. Msd. Leandro de Melo Beneli

Campinas
2005

UNIVERSIDADE FEF / UNICAMP
CAMPUS: F225e
EX: 0643
R\$ 11,00
DATA: 22/12/05
N.º OP: 374708
020600547

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA BIBLIOTECA FEF - UNICAMP

F225e Farias, Roberto de Sanctis.
A evolução do esporte moderno e o desenvolvimento das categorias de formação do basquetebol masculino no estado de São Paulo: análises preliminares / Roberto de Sanctis Farias. - Campinas, SP: [s.n], 2005.

Orientador: Paulo César Montagner.
Co-Orientador: Leandro de Melo Beneli
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

1. Esportes. 2. Basquetebol. I. Montagner, Paulo César. II. Beneli, Leandro de Melo. III. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. IV. Título.

ROBERTO DE SANCTIS FARIAS

**A EVOLUÇÃO DO ESPORTE MODERNO E O
DESENVOLVIMENTO DAS CATEGORIAS DE
FORMAÇÃO DO BASQUETEBOL MASCULINO NO
ESTADO DE SÃO PAULO: Análises preliminares**

Este exemplar corresponde à redação final do Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) defendido por Roberto de Sanctis Farias e aprovado pela Comissão julgadora em: 25/11/2005.

Dedicatória

Dedico este trabalho a minha amada família.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente aos meus amados pais, Francisco Aderson Geraldi de Farias e Lúcia Maria Carvalho de Sanctis Geraldi de Farias, por me proporcionar acima de tudo muito carinho e amor, além de possibilitar um ambiente familiar exemplar para o meu desenvolvimento e crescimento como ser humano. Serei eternamente grato por tudo;

Ao meu querido irmão, Rafael de Sanctis Farias, pela sincera amizade e respeito, pelos diversos momentos de alegria compartilhados entre brincadeiras e conversas, mesmo apesar da recente distância você estará sempre no meu pensamento e no coração, torço muito pelo seu sucesso e felicidade;

A toda a minha família, avós, tios, tias, padrinho (Ricardo de Sanctis), madrinha (Maria Tereza), primos, primas e amigos familiares por estarem sempre unidos e pela alegria que sempre proporcionam, desde a macarronada no domingo na casa da vovó e do vovô (Eunice e João Baptista) até as mais diversas festas e viagens;

Ao meu orientador, Paulo César Montagner, cuja ajuda foi imprescindível para a elaboração e desenvolvimento deste trabalho, por ter aceitado o desafio e orientar me com exemplar sabedoria, mas acima de tudo pela confiança e amizade;

Ao meu co-orientador, Leandro de Melo Beneli, pela motivação, conselhos e prestativa disposição em ajudar, principalmente nos momentos mais difíceis e críticos, pela amizade e companheirismo profissional;

A todos os profissionais do clube Hípica de Campinas, pelo profissionalismo e amizade, em especial aos meus amigos Flávio (Mococa) e Leandro (Lê), pelas conversas, incentivos e apoio para os meus estudos, tanto acadêmicos como profissionais;

Aos meus amigos do Grupo de estudo Du, Juca e João pelo grande apoio, motivação, cobrança acadêmica e pelos tantos conselhos pertinentes;

Aos meus grandes amigos da UNICAMP e da FEF, em especial a turma 02 diurno, pelos quatro anos de muita alegria, aprendizado, festas e amizade: Pocotó, Gugu, Vânia, Baiano, Penetra, Paula, Zeca, Caipira, Lucas, Monique, Aninha, Júlia, Duda, Cintia, Thais e Thais, Leo, Daniel, Pingüim, Luiz Gustavo, Breno, C.Q, Gabriel, Ale, Mazuco, Silvia, Kizzy.....

A todos os meus amigos de Sorocaba, pela força e sincera amizade, em especial ao Marcelo, Victor, Evandro e André, que acompanharam este momento de conclusão de curso da minha vida, pelos grandes conselhos e conversas acerca da vida;

A todos os meus técnicos, as pessoas e grandes amigos que fiz nas equipes de basquetebol que tive a oportunidade de participar;

A todos os meus amigos que fiz no intercambio, em especial a família Evers que me acolheu como um verdadeiro filho;

O meu sincero e profundo muito OBRIGADO.

FARIAS, Roberto. **A evolução do esporte moderno e o desenvolvimento das categorias de formação do basquetebol masculino no Estado de São Paulo: Análises preliminares.** 2005. 85f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo investigar a instituição do basquetebol no Brasil tendo como enfoque primordial o estudo das categorias de formação do basquetebol masculino do Estado de São Paulo com a devida evolução do esporte moderno. Para tanto, a priori, com o intuito de contextualizar o leitor sobre o desenvolvimento do esporte contemporâneo na sociedade ocidental, o presente estudo apresenta um enfoque na origem do esporte moderno institucionalizado e do esporte espetáculo à luz, principalmente, dos autores Hobsbawm e Proni, respectivamente. Após uma reflexão de tais conceitos é exposto um resgate histórico acerca da origem e evolução do basquetebol brasileiro, seus principais fatos e acontecimentos que marcaram a trajetória desta modalidade em âmbito nacional e internacional, assim como, o atual panorama do basquetebol masculino nacional. Em seguida, através do corpo teórico, no qual o trabalho se encontra referenciado, é realizado uma descrição de caráter exploratório combinado, objetivando inter-relacionar os conceitos expostos sobre o esporte moderno, os dados da modalidade nacional e a organização e administração do basquetebol masculino paulista, visando esclarecer as normativas de desenvolvimento das categorias de formação e as principais diretrizes de política para a evolução da mesma. Mostrando as peculiaridades e como se encontra estruturado o desenvolvimento da iniciação esportiva estadual no basquetebol, principalmente, após as transformações ocorridas e as devidas ideologias no meio esportivo inserido no contexto brasileiro e suas conseqüências para o atual modelo de gestão e promoção do basquetebol paulista e a influência deste para as categorias de formação.

Palavras-Chaves: Esporte; basquetebol; categorias de formação.

FARIAS, Roberto. The evolution of the modern sport and the development of the categories of formation of the masculine basketball in the State of São Paulo: Preliminary analyses. 2005. 85f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

ABSTRACT

This work has as objective to investigate the institution of the basketball in Brazil being had as primordial approach the study of the categories of formation of the masculine basketball of the State of São Paulo with the had evolution of the modern sport. For so much, firstly, with the intention of explaining to the reader on the development of the contemporary sport in the western society, the present study presents a focus in the origin of the institutionalized modern sport and of the sport spectacle, especially based, of authors Hobsbawm and Proni, respectively. After a reflection of such concepts a historical rescue is exposed concerning the origin and evolution of the Brazilian basketball, their main facts and events that marked the path of this modality in national and international extent, as well as, the current situation of the national masculine basketball. Soon afterwards, through the theoretical body, in which the work is based, a description of combined exploratory character is accomplished, aiming at to interrelate the exposed concepts about the modern sport, the information of the national modality and the organization and administration of the from São Paulo masculine basketball, seeking to explain the normative of development of the formation categories and the main politics guidelines for the evolution of the same. Showing the peculiarities and as one find structured the development of the state sporting initiation in the basketball, mainly, after the happened transformations and the due ideologies in the sporting way inserted in the Brazilian context and their consequences for the current administration model and promotion of the basketball from São Paulo and the influence of this for the formation categories.

Keywords: Sport; basketball; formation categories.

SUMÁRIO

1 Introdução	10
Objetivo.....	11
Justificativa.....	11
Metodologia.....	12
Caracterização terminológica.....	14
2 Contextualização do esporte moderno.....	18
2.1 Esporte: da antiguidade para a modernidade.....	18
2.2 A origem do esporte moderno baseado em Hobsbawm.....	20
2.3 O esporte espetáculo.....	27
3 A estruturação do basquetebol no Brasil.....	33
3.1 Caracterização.....	33
3.2 Resgate histórico.....	35
3.3 O basquetebol no Brasil.....	38
4 As transformações provindas do esporte moderno nas categorias de formação do basquetebol masculino do Estado de São Paulo.....	42
4.1 Aspectos organizacionais e administrativos das categorias de formação do Estado de São Paulo.....	42
4.2 Do amadorismo ao profissionalismo: o esporte moderno e a entrada do capital....	48
Considerações Finais.....	53
Referências Bibliográficas	56

1 Introdução

No transcorrer desses quatro anos acadêmicos na graduação da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas aprendi sobre a importância e a necessidade da pesquisa científica de qualquer área profissional para o desenvolvimento do saber na nossa sociedade, o que se encontra inserido nas três grandes responsabilidades de uma Universidade: ensino, pesquisa e extensão.

Para tanto, como um estudante da educação física e principalmente da modalidade basquetebol alguns questionamentos não puderam ser respondidos no decorrer desses anos e me inquietaram e conseqüentemente me motivaram a realizar meu trabalho de conclusão de curso na mesma área na qual tenho afinidade e estou atualmente envolvido profissionalmente.

Tais inquietações dizem respeito a história do basquetebol masculino e como foi estruturado o seu desenvolvimento no território nacional, relacionando as principais determinantes dessa trajetória tanto no âmbito administrativo (organização) como na prática do esporte em toda a sua estrutura: do adulto as categorias de formação.

Para que assim, com a elaboração de um estudo acadêmico através de uma pesquisa objetiva, clara e crítica a respeito dos construtos citados possa contribuir com posições sólidas e fidedignas a fim de entender e proporcionar uma discussão a respeito do atual panorama do basquetebol masculino que se encontra numa posição “desconfortável” no cenário esportivo nacional e internacional contrapondo-se a tudo o que representou em um passado recente da história esportiva do Brasil, traçando assim, uma inter-relação desses acontecimentos e a influência destes para as categorias de formação, os quais representam os alicerces do futuro de todos os esportes.

OBJETIVO

O objetivo deste trabalho refere-se ao estudo da instituição do basquetebol no Brasil e sua trajetória tendo como enfoque primordial à investigação das categorias de formação da modalidade no Estado de São Paulo e como refletiu neste a transformação da modalidade basquetebol nos principais períodos de desenvolvimento do mesmo no país: amadorismo, transição amadorismo-profissionalismo (amadorismo marrom) e profissionalismo.

JUSTIFICATIVA

O basquetebol brasileiro masculino apresenta um passado de glórias e conquistas internacionais que possibilitou sua ascensão e certa popularização tanto da sua prática quanto dos seus principais atletas. Não obstante, a atual situação deste esporte em âmbito nacional e internacional não equivale ao histórico vivido no passado recente, segundo a revisão bibliográfica.

Para tanto, com este estudo será possível ser detectados pontos negativos e positivos válidos para uma reflexão a respeito da estrutura do organograma das categorias de formação do basquetebol masculino paulista, Estado brasileiro de maior representatividade da modalidade, expondo a evolução do desporto e relacionando-o com as exigências necessárias do esporte moderno vigente. Atendendo as expectativas do público (torcedores), jogadores, comissão técnica, dirigentes, patrocinadores e da mídia. Visando assim, entender sua popularização, o que conseqüentemente se remete aos praticantes dessa modalidade esportiva.

Quando se fala do aumento do número de praticantes de uma determinada modalidade esportiva esse fato se reflete diretamente nas categorias de formação da mesma, as quais passam a ter uma maior demanda. Este estudo pretende investigar como se desenvolveu a estrutura das

categorias de formação do basquetebol masculino nas diferentes fases da história do basquetebol segundo o levantamento bibliográfico e através desse verificar, introdutoriamente, quais foram algumas das transformações ocorridas no decorrer do tempo neste campo específico do basquetebol, traçando um paralelo no desenvolvimento do esporte no país.

Uma ressalva importante neste momento diz respeito à escassez de estudos, trabalhos, artigos, teses a respeito específico da trajetória das categorias de formação do basquetebol masculino no transcorrer do desenvolvimento do esporte no Brasil, a maioria da literatura existente nesta área do basquetebol está relacionada a livros, muitas vezes de ideologia tecnicista, do ensino tático e técnico da modalidade. No entanto, os autores e os conceitos com os quais este atual trabalho está baseado e referenciado, proporciona uma abordagem capaz de estabelecer um diálogo coerente e uma reflexão acadêmica enfatizando o objeto de estudo do mesmo.

METODOLOGIA

Ao delimitar o problema de pesquisa, o investigador propõe, através da sua imaginação e dos conhecimentos de que dispõe, uma possível ordem na relação entre os fatos. Por isso, a delimitação do problema é um resultado de um trabalho mental, de construção teórica, com o objetivo de estruturar as peças soltas do quebra – cabeças, procurando entender a malha de relações de interdependência que há entre os fatos (KÖCHE,1997, p.107-108).

A escolha de um tema delimitado é de fundamental importância para a elaboração de um trabalho monográfico, deixando claro as diretrizes e os objetivos no percurso lógico estabelecido pelo pesquisador. Como mencionou Eco (2000), a monografia constitui-se na abordagem profunda de um tema específico, é com esse intuito, que se torna necessário nesse momento esclarecer ao leitor os parâmetros que norteiam este atual estudo.

Foi realizado uma pesquisa bibliográfica “para ampliar o grau de conhecimentos em uma determinada área, capacitando o investigador a compreender ou delimitar melhor o problema de pesquisa” (KÖCHE, 1997, p.122). Para tanto, foram utilizados livros, monografias, teses, publicações da área, artigos, com o intuito de compreender e investigar as características da

evolução das categorias de formação do basquetebol masculino. Assim, se faz necessário a priori um levantamento bibliográfico a respeito do esporte moderno e da estruturação do basquetebol nacional, analisando nas publicações existentes como ocorreu nesta modalidade à transição do amadorismo ao profissionalismo e depois de delimitado o assunto estabelecer um paralelo com as categorias de base.

KÖCHE (1997, p.122) caracteriza a pesquisa bibliográfica da seguinte forma.

A pesquisa bibliográfica é a que desenvolve tentando explicar um problema, utilizando o conhecimento disponível a partir das teorias publicadas em livros ou obras congêneres. Na pesquisa bibliográfica o investigador ira levantar o conhecimento disponível na área, identificando as teorias produzidas, analisando-as e avaliando sua contribuição para auxiliar a compreender ou explicar o problema objeto da investigação. O objetivo da pesquisa bibliográfica, portanto, é o de conhecer e analisar as principais contribuições teóricas existentes sobre um determinado tema ou problema, tornando-o um instrumento indispensável para qualquer tipo de pesquisa.

É com esse intuito que será utilizado a metodologia da pesquisa bibliográfica, expondo uma linha de raciocínio clara para investigar e propor análises cabíveis à realidade do basquetebol masculino tendo como enfoque as categorias de formação com o objetivo de proporcionar futuras discussões acadêmicas.

E, além da pesquisa bibliográfica relatada acima, também será utilizada a pesquisa documental, a fim de relatar e expor informações sobre as equipes das categorias de formação do basquetebol masculino do Estado de São Paulo, assim como do panorama do mesmo.

Tal pesquisa terá um caráter exploratório-descritivo combinado, a fim de descrever, inter-relacionar e explicitar os conceitos desenvolvidos no levantamento bibliográfico e os dados coletados a respeito das categorias de formação do basquetebol masculino no Estado de São Paulo, sendo uma forma válida e acadêmica para descrever algumas das variáveis que compõem o campo da modalidade basquetebol e as categorias de formação como um todo, ou seja, verificar a atual situação das categorias de formação, como se encontra organizada a modalidade no Estado de São Paulo, números de equipes e atletas participantes da Federação Paulista de Basquetebol, Associações e Ligas do Interior, localização geográfica das equipes, assim como, as principais normativas que regem o seu desenvolvimento.

Os autores Lakatos & Marconi (1991, p. 188) descrevem a respeito do desenvolvimento da pesquisa de campo de caráter exploratório-descritivo combinado:

Estudos exploratório-descritivos combinados – são estudos exploratórios que têm por objetivo descrever completamente determinado fenômeno, como, por exemplo, o estudo de um caso para o qual são realizadas análises empíricas e teóricas. Podem ser encontradas tanto descrições quantitativas e/ou qualitativas quanto acumulação de informação detalhadas como as obtidas por intermédio da observação participante.

CARACTERIZAÇÃO TERMINOLÓGICA

Será realizado neste momento com base no corpo teórico deste trabalho a conceituação a respeito de determinadas palavras chaves, as quais possuem variações de significados entre o meio acadêmico que podem levar a dúvidas e inquietações do leitor, podendo prejudicar o entendimento das mesmas no transcorrer das idéias levantadas durante a elaboração da monografia. Com o intuito de esclarecer tal situação e evitar algum impasse, se faz necessário as seguintes caracterizações:

- **Amadorismo**

Para o sociólogo Bourdieu a origem do conceito do amadorismo está vinculada a filosofia aristocrática e portando das virtudes e concepções do mesmo em relação a toda as relações do ser humano desta classe social com as demais práticas de atividade física quanto a atividade artística. Como relata Bourdieu (1983, p. 140):

Dimensão de uma filosofia aristocrática, a teoria do amadorismo faz do esporte uma prática tão desinteressada quanto a atividade artística, porém mais conveniente do que a arte para a afirmação das virtudes viris dos futuros líderes: o esporte é concebido como uma escola de coragem e de virilidade capaz de formar o caráter e inculcar a vontade de vencer (“will to win”), que é a marca dos verdadeiros chefes, mas a vontade de vencer que se conforma às regras - é o fair play, disposição cavalheiresca inteiramente oposta à busca da vitória a qualquer preço.

Primeiramente, fica evidente nesta passagem a apropriação desta classe social do esporte e os verdadeiros interesses destes pela prática esportiva relacionada a formação de verdadeiros líderes nas mais diversas áreas (social, econômico, político, entre outras), a qual posteriormente foi incorporada pelos burgueses, fato este que será abordado com maior aprofundamento no decorrer do trabalho.

Uma segunda análise permite estabelecer uma relação entre o conceito do amadorismo com o significado do “fair play” propriamente dito. Para Tubino (1987, p.24) “... na expressão “fair play”, a qual compreende o cavalheirismo, o respeito ao adversário, a aceitação da derrota, a colaboração em equipe e muitas outras virtudes”. Demonstra-se, portanto, um comportamento regido pela moral e virtudes valorizados dentro da prática do esporte.

Em suma, o amadorismo pode ser definido como sendo uma prática prazerosa sem fins financeiros em si mesmo, uma não profissão, pois o individuo não retira seu sustento desta prática, por não apresentar fins lucrativos.

- **Amadorismo marrom**

A transformação ocorrida no modo pela qual se passou a relacionar o esporte moderno com a sociedade como um todo, desde os aspectos econômicos até as diferentes ideologias políticas, chegou também a forma com a qual os indivíduos envolvidos com o esporte se relacionavam com o mesmo e tais transformações ocorreram de forma gradativa, caracterizando uma época onde se intercalava peculiaridades tanto do amadorismo quanto do profissionalismo, este período próprio do esporte corresponde ao amadorismo marrom.

O autor Proni (2000, p.33), relata a situação na qual tal período se deu nas relações dos indivíduos com o ideal vigente:

Alguns clubes vinham oferecendo “benefícios” para assegurar a presença de jogadores oriundos das camadas proletárias, o que era classificado como prática ilícita, contrária aos nobres princípios que regiam (ou deviam reger) o esporte amador. Como para um atleta se credenciar a disputar os Jogos Olímpicos era fundamental que não recebesse qualquer gratificação monetária decorrente da prática esportiva, criava-se uma situação constrangedora. De qualquer forma, ficava cada vez mais difícil sustentar o “amadorismo

de fachada”, tendo em vista o crescimento do público, a cobrança do ingresso nas partidas e a condição socioeconômicas de muitos atletas.

A análise da citação acima de Proni é a confirmação de uma época de transformações, como o próprio autor cita do “amadorismo de fachada” dos “benefícios” que os clubes vinham oferecendo para seus atletas.

Tal situação se opõe totalmente a filosofia do ideal amador, a qual não estava mais correspondendo a demanda e complexidade que as relações dentro e fora do âmbito esportivo estavam em rumo, colocando em “xeque - mate” a vigência do ideal amador como normativa no mundo esportivo.

- **Profissionalismo**

A palavra profissionalismo será utilizada neste estudo com a finalidade de estabelecer o entendimento de uma nova forma de organização e de comprometimento da estrutura do esporte com todos os indivíduos que estão inseridos nele, já que a única Liga de Basquetebol profissional do mundo é a NBA (BENELI, 2002) e atualmente no Brasil somente o futebol é considerado a única modalidade legalmente profissional do país (TREVISANI, 1997).

Nesse sentido o autor Marchi Jr (2001, pg. 159) decorre a respeito da transformação do amadorismo para um profissionalismo, conceituando-o.

Os signos do amadorismo, da abnegação, do voluntarismo, em suma, do romantismo dos jogadores e dirigentes do passado foram substituídos pela seriedade e pelo comprometimento existente numa interdependência de relações profissionais e econômicas. Nesse sentido, identificamos no momento máximo da expressão do esporte moderno o perfil dos novos contornos [...] qual seja, a passagem do amadorismo para a profissionalização [...].

Neste entendimento a forma com a qual passou a ser lidada a questão do esporte tomou uma outra perspectiva mais coerente com as transformações do mundo contemporâneo as quais

indubitavelmente influenciaram e provocaram algumas conseqüências no âmbito esportivo, como relatadas acima por Marchi Jr.

Desse modo, a entrada do capital financeiro foi de vital importância para as transformações das relações profissionais do jogador propriamente dito, podendo de uma vez por todas ter as condições de se dedicar integralmente ao esporte e tirar o seu sustento a partir do mesmo, como uma forma real de trabalho.

- **Categorias de formação**

Este termo será utilizado com a importância de identificar as categorias de iniciação em basquetebol no estado de São Paulo, regidas pela Federação Paulista de Basketball e pelas demais associações do interior, entre a faixa etária dos onze aos quatorze anos, correspondendo as categorias Pré-Mini (onze/doze anos), Mini (adolescentes com treze anos) e Mirim (quatorze anos completos ou a serem completados no ano vigente), essas categorias serão o foco de estudo deste trabalho (DINIZ, 2000).

Para Diniz (2000, p.19), a delimitação da faixa etária é fundamental para um estudo dessa natureza;

Essa delimitação é fundamental, visto que, qualquer algo novo na vida das pessoas pode ser chamado de iniciação. Deste modo, um adulto pode querer começar a praticar o basquetebol, sem maiores problemas. A intenção, ao se delimitar a faixa de estudo, parte do princípio de abordar as categorias menores do basquetebol, que são consideradas como “base” para as demais categorias.

É com esse conceito que será abordada a questão das categorias de formação¹ como um todo, visando caracterizar e enfatizar as categorias menores de iniciação do basquetebol como citado acima, sendo coerente com o objetivo e metodologia de pesquisa do atual trabalho.

¹ Também comumente chamadas de “categorias de base” e se configuram, para o basquetebol masculino, na faixa etária de 11 a 18 anos aproximadamente.

2 Contextualização do esporte moderno

Neste capítulo será abordado através da pesquisa bibliográfica da área questões a respeito da origem do esporte moderno, enfatizando as peculiaridades da situação histórica da época, investigando a influência deste nas relações humanas ligadas ao esporte como um todo que se deram a partir deste momento em contraposição a estrutura antes predominante, objetivando situar e contextualizar o leitor ao panorama histórico social e econômico em que se fomentou o esporte moderno desde sua origem à sua evolução ao esporte espetáculo da era atual vigente.

2.1) Esporte: da antiguidade para a modernidade

O esporte esteve presente no transcorrer da história da humanidade desde as antigas civilizações, demonstrando evidências importantes da cultura e tradições destas determinadas civilizações, porém tais registros são imprecisos, deixando “[...] vestígios de jogos praticados com o caráter esportivo, e que permitiam diversas especulações da origem do esporte” (TUBINO, 1987, p.13).

Entretanto, o momento do auge dos esportes da antiguidade foi vivenciado na história da Grécia Antiga, durante doze séculos, de 884 a.C., a 394 d.C., com as celebrações dos Jogos Olímpicos realizados em quatro em quatro anos, tais celebrações eram de suma importância na época que inclusive provocam períodos de tréguas entre guerras para a realização dos Jogos (TUBINO, 1987).

O esporte com a tal conceituação destas épocas históricas não condiz com o fenômeno no qual a atual sociedade moderna passou e vem passando dentro do campo esportivo em sua totalidade, visto que a origem dessa transformação se deu com a forma institucionalizada do esporte moderno, com raízes no século XIX na Inglaterra.

Para Tubino (1987, p. 18), o esporte moderno teve a sua origem como forma institucional com Thomas Arnold, no século XIX na Inglaterra. Como relata neste trecho:

[...] utilizando-se dos jogos físicos praticados pela aristocracia e burguesia inglesa, incorporou-os aos métodos de educação, deixando nessa prática esportiva uma autonomia tal que seus alunos pudessem dirigi-lo, levando-os a organizarem-se segundo os preceitos do “fair play”. Além disso, as regras começaram a surgir naturalmente das práticas e, logo [...]estendendo-se rapidamente para fora do mundo. As percepções de Arnold são consideradas o início do esporte institucionalizado, do esporte popular e do esporte escolar, isto é, constituem o marco histórico da modernização do esporte.

Analisando o trecho acima se constata a incorporação do ideal amador a forma institucionalizada criada por Thomas Arnold e como está se dissipou para o mundo a fora. Proni (2000, p. 31), discuti a respeito da influência da Inglaterra na civilização neste período:

A forte influência britânica sobre o desenvolvimento da civilização ocidental, ao longo do século XIX, não se limitava às esferas econômicas e política. Também na área cultural podemos encontrar exemplos de grande receptividade às novidades surgidas na Grã-Bretanha - entre elas o esporte.

Não foi por acaso que o esporte moderno originou-se na Inglaterra e deste local se expandiu rapidamente por todo o globo. Para o entendimento das raízes da origem deste esporte moderno institucionalizado que ganhou o mundo, será elaborada uma análise a partir dos conceitos do historiador Eric J. Hobsbawm, visando contextualizar o leitor ao panorama histórico da época do século XIX, mais especificamente da Grã-Bretanha e qual foi o papel do esporte moderno dentro deste período único da história da humanidade.

2.2) A origem do esporte moderno baseado em Hobsbawm

A Revolução Industrial ocorrida no século XIX na Inglaterra originou como efeito colateral o desenvolvimento de duas classes antagônicas: a burguesia (detentores dos meios de produção) e os operários, proletariados (assalariados provindos do trabalho manual). Dentro dessa nova era de transformações, a classe dominante vigente passou a pertencer a burguesia a qual gradativamente começou a subir a escadaria da estrutura social da época possibilitada pela mobilidade social que passou a vigorar, devido especialmente ao poder financeiro acumulado, ou seja o critério era o dinheiro, porém, não era o suficiente para identificar e definir o pertencimento de uma classe social que estava em processo de desenvolvimento e crescimento, a classe média.

Segundo Hobsbawm (1984, p.237), a transformação da classe média assim como o status adquiridos em meados do século XIX se caracterizou da seguinte forma:

As classes médias do período pré-industrial que ascendiam modestamente, eram em sua maior parte excluídas de tais ostentações pelo seu status social inferior, se bem que respeitável, ou por suas convicções puritanas ou pietistas, para não mencionar os imperativos acúmulos de capital. Foram a prosperidade e o crescimento econômico de meados do século que as colocaram ao alcance do êxito, ao mesmo tempo que lhes impunham um estilo de vida modelado segundo o das antigas elites.

Ao mesmo tempo em que a classe média conquistou a possibilidade de almejar ao êxito social e, portanto, da respeitabilidade social também foi imposto um estilo de vida das antigas elites, a aristocracia, onde “os títulos de nobreza estavam longe de ser desprezados, mesmo em países que oficialmente não reconheciam” (Hobsbawm, 1984, p.241). Não obstante, nesse momento de prosperidade e de triunfo, quatro fatores impuseram a classe média um estilo de vida menos formal, passando a ser mais propriamente dito privado e privatizado:

O primeiro deles [...] foi a democratização política, que solapou a influência pública e política de todos os burgueses, exceto os mais ricos. Em alguns casos, a burguesia (em maior parte liberal), foi, de fato, forçada a retirar-se completamente da política, dominada por movimentos de massa ou por massa de eleitores que se recusavam a lhe reconhecer a “influência”, quando esta não era dirigida diretamente contra ela.

O segundo fator foi um certo afrouxamento dos limites entre a burguesia triunfante e os valores puritanos que haviam sido tão úteis para a acumulação do capital [...] Em suma, gastar tornou-se pelo menos tão importante quanto ganhar dinheiro [...] Mesmo os relativamente menos opulentos aprendiam a gastar para o próprio conforto e prazer.

O terceiro fator foi o afrouxamento das estruturas da família burguesa, refletida na emancipação feminina e o surgimento de grupos de idade situados entre adolescência e o casamento[...]“juventude”.

O quarto fator foi o substancial aumento do número daqueles que pertenciam, pretendiam pertencer ou que aspiravam obsessivamente a fazer parte da burguesia; era o aumento, em suma, da “classe média” como um todo. Uma idéia de vida definida de um estilo de vida essencialmente doméstico era uma das coisas que mantinham todos os seus membros juntos (HOBSBAWM, 1984, p.237-239).

Tais fatores determinaram um novo estilo de vida peculiar e único do burguês da classe média, facilitando a identificação de seus integrantes, desde a participação política até a forma como investiam e gastavam o capital gerado por suas riquezas, assim como a base da estrutura familiar e o crescimento da classe como um todo.

No entanto, ao mesmo tempo em que se deu esse contexto, a democratização, juntamente com “a elevação da classe operária autoconsciente e a mobilização social criavam um novo problema de identidade social para os que pertenciam ou desejavam pertencer a uma ou outra camada dessas “classes médias””(Hobsbawm, 1984, p. 239).

Essa dificuldade de identificação da crescente e heterogênia classe de “burgueses novos” que não pertenciam aos altos estratos dos mais ricos e nem tampouco aos operários, era então formada por homens de negócio, membros dos mais altos escalões do serviço público, principalmente de profissionais liberais e, lógico, juntamente com suas famílias, deixando cada vez mais imprecisos os limites de tal classe e até mesmo dificultando uma definição de burguesia. Segundo Pilatti (1999, p. 10), baseado nos construtos de Hobsbawm:

A imprecisão existente não era restrita a seus limites, estremado de um lado pelos inferiores e do outro pela aristocracia, a imprecisão era também interna. O espaço entre classe média “grande” ou “superior” e “pequena” ou “inferior” era ainda mais vago.

Segundo Hobsbawm (1984, p. 242), tal dificuldade realmente surgiu a partir da expansão do setor terciário, como mostra a seguir:

[...] a dificuldade real surgiu com a enorme expansão do setor terciário – o dos empregos em escritórios públicos e privados – isto é, o de um trabalho que era tanto claramente subalterno como remunerado mediante ordenados (mesmo se chamados de “recompensa”), mas era, de igual modo, não-manual e baseado em qualificações educacionais, apesar de relativamente modestas; e, acima de tudo, realizado por homens, ou mesmo por mulheres, a maioria das quais recusava-se especificamente a considerar-se parte da classe operária e aspirava, não raro com imensos sacrifícios materiais, ao estilo de vida e à respeitabilidade da classe média. A linha entre esta nova “classe média baixa” de “empregados” (*Angestellte. employés*) e os mais altos estratos profissionais, ou mesmo dos executivos e gerentes assalariados dos grandes negócios, levantavam problemas novos.

Torna-se claro que o número de aspirantes a essa nova classe média aumentava prodigiosamente, visando adquirir o status social da mesma, o que proporcionava um problema real de definição e identificação de tal classe social devido a tamanhas diferenciações entre seus indivíduos e “candidatos” para, mas principalmente pelo fato das incertezas teóricas relativas a essa questão. Para Hobsbawm (1984, p. 242):

Aquilo que constituía “a burguesia” sempre foi mais difícil de determinar do que aquilo que em teoria, definia a nobreza (por exemplo, nascimento, títulos hereditários, propriedade de terras) ou a classe operária (por exemplo, o salário e o trabalho manual).

Desse modo, os critérios que existiam em meados do século XIX eram bem explícitos em relação à determinação da classe média, ou seja, esperava-se dos membros desse estrato social que possuíssem capital ou uma renda provinda de investimentos, que participassem e atuassem como empresários independentes, gerando lucros e empregos ou que atuassem como profissionais liberais, com exceção dos servidores públicos graduados e devidamente remunerados. Não obstante, após a metade desse século, tais critérios perderam sua validade e não eram mais suficientes para identificar a burguesia econômica e social frente a crescente e considerável classe média da época e, sobretudo, aos pretendentes que almejavam o status de tal classe, em comum perante tanta heterogeneidade restava apenas a mobilidade social presente ou passada (PILATTI, 1999).

Tendo em vista tal contexto, tornava-se imperativo para os membros reais ou virtuais da classe média burguesa, principalmente para os indivíduos cujo dinheiro não era suficiente para assegurar um status seguro e respeitabilidade para com seus descendentes, estabelecer critérios a fim de definir o pertencimento do estrato social, assegurando os benefícios sociais para consigo e seus demais familiares.

Hobsbawm (1984, p.245) apresenta em sua obra três critérios que se estabeleceram com a finalidade de identificar o pertencimento dos membros da classe média, expondo da seguinte forma:

Três modos de estabelecer esse pertencimento adquiriram grande importância no período – pelo menos em países em que já surgia alguma incerteza em relação a “quem era

quem”. Todos exigiam que se preenchesse duas condições: deviam distinguir claramente os membros da classe média dos das classes operárias, dos camponeses e de outros ocupados em trabalhos manuais, e deviam apresentar uma hierarquia de exclusividade, sem afastar a possibilidade de o candidato galgar os degraus da escadaria social. Um estilo de vida e uma cultura de classe média era um destes critérios; uma atividade ociosa e especialmente a nova invenção, o esporte, era outro; mas o principal indicador o pertencimento de classe crescente veio a ser, e ficou sendo, a educação.

Devido ao estabelecimento de tais critérios para o pertencimento de classe, como constatado por Hobsbawm, a educação formal deteve a importância e o papel prioritário neste primeiro momento de identificação de classes, já, paralelamente dentro deste contexto, o estilo de vida e a cultura da classe, juntamente com o esporte completavam tal função.

Com isso, a educação formal tinha nesta época como objetivo principal a possibilidade de constituir uma forma de acesso às classes médias à um status social desejado, ou seja, a educação foi empregada como um meio de estabelecer um ambiente ideal para integrar e socializar os membros de mesmo estrato social, que possuíam condições para manter tal estudo e, conseqüentemente, distingui-los perante as demais classes inferiores, como enfatiza o historiador Hobsbawm (1984, p. 246):

A educação formal, preferivelmente coroada por algum diploma, havia sido, até esse momento, irrelevante para a elevação à burguesia, exceto no caso das profissões cultas dentro e fora dos serviços públicos, em cujo treinamento consistia a principal função das universidades, ao qual acrescentavam um ambiente convidativo para a bebida, a devassidão e as atividades esportivas dos jovens cavalheiros, para os quais os exames reais eram absolutamente sem importância.

Esta situação apresentada pelo autor expõe que a educação formal era utilizada pela burguesia da época como uma forma de ter acesso ao topo da escada social, principalmente para os indivíduos detentores de dinheiro, porém, sem status social. Ou seja, era uma forma de agência sociabilizadora, a qual por sua vez, organizava-se como elite semelhandando-se com o estilo de vida da aristocracia, coroando seu êxito “comercial pela entrada na classe nobre e pela adoção de um estilo de vida desta” (PILATTI, 1999, p. 12).

Com o passar do tempo a educação expandiu-se rapidamente entre a sociedade no final do século XIX, ocasionando novos problemas para a classe média burguesa britânica e, devido à predominância do sistema aberto, ou seja, possibilitando o acesso das classes inferiores à um status elevado, sendo coerente com a mobilidade social vigente da época e por qual já tinham

passado, foram estabelecidos círculos de exclusividade informal, mas definitivo, como destaca Hobsbawm (1984, p.251):

As burguesias de fins do século XIX eram, portanto, uma estranha combinação de sociedade fechadas mas educadamente abertas: abertas, por ser a entrada franqueada em virtude do dinheiro, ou mesmo (por meio de bolsas de estudos e outras providências destinadas a estudantes pobres) por mérito, mas fechadas, na medida em que era claramente dado a entender que alguns círculos eram consideravelmente mais iguais que outros. A exclusividade era puramente social.

Estes novos círculos de exclusividade mostraram-se eficazes para proporcionar uma maior coesão social a um grupo tão heterogêneo quanto era a burguesia nos finais do século XIX. Potencializando os possíveis contatos familiares e profissionais de indivíduos pertencentes a um mesmo status social.

É perante este contexto que o autor Hobsbawm destaca o papel do esporte nesta sociedade nos finais do século XIX como um dos critérios de identificação e apropriação da burguesia a fim de estabelecer parâmetros e fronteiras identificáveis dos seus próprios membros aos demais indivíduos de estrato social inferior.

Segundo Hobsbawm (1984, p. 255), o esporte serviu como um modo de estruturar os indivíduos economicamente estabelecidos como um grupo social, assim como, os bairros nobres burgueses e a educação formal:

A segregação residencial – mais que provável, num subúrbio elegante – era um modo de estruturar essas massas endinheiradas como grupamento social. A educação, como vimos era outro. Ambos conjugavam-se numa prática que se institucionalizava, essencialmente, durante o último quartel do século: o esporte. Formalizado em torno dessa época na Inglaterra, que lhe ofereceu o modelo e o vocabulário, alastrou-se como um incêndio aos demais países. Em seu início, sua forma moderna foi associada especialmente à classe média e não necessariamente à classe alta. Os jovens aristocratas poderiam experimentar, como na Inglaterra, qualquer forma de proeza física, mas o campo em que se especializavam era o dos exercícios ligados à equitação e à matança, ou pelo menos ao ataque aos animais e às pessoas: a caça, o tiro, a pesca, as corridas de cavalos, a esgrima coisas semelhantes. Efetivamente, na Inglaterra, a palavra “esporte” era originalmente restrita a tais atividades, sendo os jogos e competições físicas (hoje chamados “esporte”), classificados como “passatempo”. A burguesia, como sempre, não apenas adotou como transformou os modos de vida dos nobres.

A análise acima elaborada por Hobsbawm sobre o contexto da origem do esporte institucionalizado no qual estava sendo formalizado na época nos finais do século XIX na Inglaterra, caracterizado pela adoção e incorporação dos modos de vida dos nobres pelos

burgueses, concretizou-se num critério claro para a classe média, principalmente, no que diz respeito à identificação da mesma. Essa adoção do estilo de vida da classe nobre pelos burgueses têm sido uma constante no processo de identificação do mesmo como classe social elevada, e com o surgimento do esporte não foi diferente.

No entanto, os esportes não se restringiram as fronteiras da classe burguesa e da aristocracia, seu crescimento foi tamanho que antes de 1914, alguns desses esportes estavam sendo praticados por centenas de operários ingleses, em particular o futebol, que detinha um número estimado de um milhão de jogadores na época. Perante tal fato, criou-se um critério determinado e imposto pelas elites, que basicamente sua diretriz norteava-se na imperativa proibição e a segregação da casta dos profissionais, ou seja, é o início do amadorismo (HOBSBAWM 1984).

O ideal do amadorismo ampliou-se e atingiu seu apogeu nos Jogos Olímpicos de 1896, conseguindo estabelecer uma vantagem única para as classes superiores, sendo considerado de extrema importância para a formação das mesmas, como analisa Hobsbawm (1984, p. 256-257) a seguir:

O ideal do amadorismo, que apresentava a vantagem adicional de reunir classe média e nobreza foi entesourado nos Jogos Olímpicos, uma nova instituição (1896), nascida no cérebro de um francês admirador do sistema inglês de escolas públicas, que havia constituído em torno de seus campos de jogos.

Que o esporte era considerado elemento importante na formação da nova classe governante, segundo o modelo do *gentleman* britânico treinado em escola pública, é evidente, pelo papel das escolas ao introduzi-lo no continente.

Neste momento histórico dos esportes na sociedade britânica e posteriormente aos demais países por este alcançado, o que se verificou foi o desenvolvimento de uma função prioritária do esporte para a nova classe emergente da época pós-industrial, adotando critérios objetivos de limitações e estabelecendo fronteiras claras em relação a sua prática, o ideal do amadorismo é o principal exemplo deste fato.

Não obstante, o esporte passou por uma explosiva ascensão perante todo o mundo civilizado, tornando-se um verdadeiro fenômeno da era moderna, portanto, toda a forma de se relacionar com as mais diversas variantes foi sendo transformada, acompanhando a demanda e as

transformações da sociedade como um todo, não podendo sustentar somente uma realidade pertencente a uma restrita parcela da sociedade como um todo.

Como se pode observar a divergência entre o ideal do amadorismo e o início de uma tentativa de inclusão de pessoas de origem humilde na prática dos esportes e o objetivo destes de almejem um nível de vida superior, aliado as mudanças de filosofia de organização e administração no mundo esportivo e as transformações ocorridas na sociedade levaram a uma era nova e única da humanidade, o que será investigado em seguida.

2.3) O esporte espetáculo

Para o entendimento da origem do esporte espetáculo se faz necessário, a priori, uma análise das transformações ocorridas na sociedade, em especial do sistema capitalista vigente da passagem do século XIX para o século XX, elucidando as devidas mudanças que encadearam no surgimento da sociedade de massa e o esporte inserido na mesma. Para tanto, tal estudo terá como fonte norteadora os conceitos apresentados pelo autor e pesquisador da área Marcelo Weishaupt Proni, o qual aborda tais fenômenos na sua tese de doutorado defendida em 1998 na Universidade Estadual de Campinas.

Segundo Proni (1998), é cabível constatar que o mundo burguês descrito por Hobsbawm foi ultrapassado pelas contradições apresentadas pelo próprio desenvolvimento do sistema capitalista, através das grandes guerras mundiais, pelo fortalecimento político alcançado pela classe trabalhadora, assim como, do surgimento do Estado Previdenciário e da massificação do consumo.

Tais mudanças fizeram com que surgisse uma nova sociedade, influenciando o mundo esportivo, como descreve Proni (1998, p. 58):

Na Europa, uma nova sociedade emergiu dos escombros das crises sucessivas que abalaram as estruturas da economia e da política. Não devemos estranhar, portanto, que a cultura das nações civilizadas tenha sido bastante afetada e que, ao longo do século XX, o mundo esportivo tenha se metamorfoseado em vários aspectos. Basta lembrar que modalidades esportivas de elite (como o tênis de campo) não apenas se converteram ao profissionalismo como se transformaram em produtos bastante valorizados pela indústria de artigos esportivos e pela mídia especializada. Ou que, na maioria desses países, o Estado concebeu políticas visando democratizar o acesso às práticas esportivas e aos equipamentos de lazer.

Estudar e analisar as transformações esportivas ocorridas durante o transcorrer do século XX seria pauta e objetivo para um outro estudo focado especificamente sobre tal tema, o que se pretende é analisar as transformações primordiais que ocasionaram no surgimento da sociedade de massa e conseqüentemente do esporte espetáculo, os quais serão de suma importância para futura análise no objetivo do presente trabalho.

A sociedade e as estruturas políticas e econômicas do século XX apresentam peculiaridades próprias em relação ao século anterior, ocasionando uma “mudança qualitativa na

estruturação e na divulgação do esporte no mundo contemporâneo” (Proni, 1998, p. 59). Para o autor essa mudança ocorreu em virtude de dois movimentos prioritários: “progressiva mercantilização da cultura (que avança desde o século passado, mas se intensifica na segunda metade do atual); e uma visível transformação das estruturas sociais e econômicas, particularmente depois da Segunda Guerra Mundial” (Proni, 1998, p.59).

Neste contexto descrito pelo autor o mundo passou a ter uma nova ordem mundial, deixando de ser predominantemente “eurocêntrica” para uma bipolarização do planeta, ou seja, o mundo passou a ser dividido em dois blocos distintos pós Segunda Guerra Mundial, sendo um capitalista liderado pelos Estados Unidos da América e outro bloco socialista, representado pela ex-URSS.

Com essa nova estrutura mundial não há como negar que os EUA foram os primeiros representantes de uma sociedade de massa, defendendo sua ideologia pelo mundo a fora. Segundo Proni (1998, p. 59-60):

[...] depois de décadas de crise, as sociedades capitalistas mais avançadas ingressaram numa Era de Ouro, assim denominada não apenas por causa do crescimento econômico sustentado, do pleno emprego e da elevação real dos salários, mas principalmente pela consolidação do *Welfare State*, pela redistribuição de renda e pela melhoria do padrão de vida do conjunto da população. As transformações mais significativas, porém, viriam apenas nas décadas finais do século XX: a “globalização” [...]
 Não há como negar que foi nos EUA que primeiro se configurou, de modo mais palpável, uma sociedade cujas aspirações cotidianas se assentavam na produção e no consumo massificados.

Estas mudanças ocorridas no século XX, em especial na sociedade dos EUA, ocasionaram no aumento e acesso de uma grande parcela da população a desfrutar um padrão de vida elevado, o que progressivamente inseriu as famílias norte-americanas no bem - estar e, principalmente, do consumo e de uma cultura do lazer que até então era privilégio exclusivo das elites, ou seja, da classe burguesa e dos aristocratas. Fazendo assim, emergir uma nova classe média predominantemente assalariada e com poder aquisitivo, adequando-se e fomentando a máquina do sistema de consumo instalado na sociedade norte-americana.

Segundo Proni (1998, p. 61), essas mudanças fizeram com que emergisse uma nova classe média no transcorrer do século XX e, também, de uma cultura do consumismo norteado pela ação da lógica do mercado, cujo seu maior representante neste século foram os EUA:

Mas, a emergência de uma nova classe média e a difusão dessa cultura do lazer só puderam ser plenamente compreendidas tendo em vista as profundas transformações da economia capitalista. Assim como a Inglaterra no século anterior havia difundido não apenas um novo padrão de acumulação, mas uma ideologia (o liberalismo burguês), no século atual foram os EUA que exerceram uma posição de hegemonia e se tornaram o bastião das regras da concorrência econômica e social. Mais precisamente, foram os norte-americanos que difundiram um novo padrão produtivo e um novo padrão de consumo, relacionados entre si, que exacerbaram o individualismo da vida privada através de uma propalada mobilidade ocupacional e social, e ampliaram o império da competição e do *status* social.

Os Estados Unidos da América passaram então a exercer uma incontestável liderança no bloco capitalista após a Segunda Guerra Mundial e principalmente com a extinção da ex-URSS, estendendo-se por todo o globo, assim, tanto a Europa Ocidental quanto os demais países inseridos no novo sistema capitalista mundial representado pelos EUA adotaram “entre outras coisas, os padrões de produção e de consumo norte-americanos, reproduzindo os elementos constitutivos de uma sociedade de massa” (Proni, 1998, p. 61).

Tal sociedade de massa a rigor necessita como premissa de uma cultura fomentadora para sua sobrevivência mercadológica, a qual molda o pensamento consumista e dá base para uma contínua e incessante produção e consumo de seu mercado alvo, uma cultura de massa. Proni (1998, p. 63) descreve o pensamento de uma cultura de massa defendida pelo autor Morin em seu livro “Cultura de Massas no Século XX: o espírito do tempo”:

A cultura de massa leva modelos culturais a todos os domínios – permeia as relações amorosas, o conceito de beleza, o vestuário, o erotismo, as mais variadas facetas do viver – e da origem àquilo que o autor chama de “modelos afetivos e práticos de personalidade”. É inquestionável que tais modelos sociais, para Morin, decorrem da necessidade do sistema econômico de ampliação contínua dos mercados de bens e serviços, por um lado, e da poderosa ação dos meios de comunicação de massa, por outro. E é nesse sentido que a cultura de massa, enquanto portadora privilegiada de valores tais como individualismo, imediatismo e consumismo, requer a substituição recorrente dos produtos e dos próprios modelos, criando um mercado cultural onde os bens são necessariamente efêmeros, pois “tudo se substitui muito depressa”.

É indubitável pela análise do trecho acima que nesse momento histórico o ato de consumir passou a ser incorporado dentro da sociedade de massa, porém, com outras peculiaridades distintas da sociedade burguesa do século XIX, com relata Proni (1998, p. 64):

À sociedade de massa corresponde, portanto, não apenas uma cultura de massa, mas um consumo *simbólico* fundado em vetores “psicológicos”. Para uma parcela crescente das

peçoas, consumir passou a ser muito mais que satisfazer necessidades “objetivos”. Consumir certos bens portadores de signos tornou-se imprescindível para desempenhar papéis sociais e, ao mesmo tempo, partilhar do universo simbólico de um determinado grupo social. Talvez de um modo menos consciente do que ocorreria na sociedade burguesa (onde o consumo tinha uma função explícita de diferenciação social), na sociedade de massa isso aparece como um comportamento introjetado, uma forma quase “natural” dos indivíduos se relacionarem e se avaliarem.

Em paralelo ao desenvolvimento de uma sociedade de consumo de massa novos atributos foram sendo conferidos ao corpo, transformando-o e adequando-o a essa nova sociedade emergente, em vista que, certos valores vinculados ao corpo encadearam num culto do corpo como nunca se virá antes e assim, a uma cultura do narcisismo característica da sociedade contemporânea. Fomentando um consumo de uma grande parcela da juventude, em especial norte-americana, pelos mais variados tipos de serviços, desde os suplementos alimentares a artigos esportivos de última geração que prometiam esculpir os corpos a fim de enquadrarem ao perfil enaltecido do que era ser belo pela revista, cinema, televisão (PRONI, 1998).

Segundo Proni (1998, p. 65), tal cultura narcisista traz como conseqüência uma atitude diferenciada da maioria dos indivíduos inseridos no século XX em relação ao consumo:

Diferente do consumo “conspícuo”, a sociedade contemporânea caracteriza-se pelo consumo de signos que visam permitir ao indivíduo uma sobrevivência psíquica num meio social estranho e hostil. E é nesse sentido que devemos entender a personalidade “narcísica”: como o tipo dominante de estrutura da personalidade na sociedade contemporânea.

A compreensão das características da sociedade de massa e dos novos atributos estabelecidos ao uso do corpo estabelece uma sólida posição para o entendimento do papel primordial conferido ao esporte neste novo contexto nas sociedades contemporâneas, impregnadas pela lógica do mercado, e como este influenciou nas práticas esportivas, transformando-as em verdadeiros espetáculos.

A princípio se faz necessário um esclarecimento a respeito da palavra espetacularização e como esta prática foi aceita pela sociedade moderna sendo uma opção de lazer cada vez mais presente na sociedade contemporânea. Segundo Proni (1998, p. 67), à luz dos conceitos dos autores Elias & Dunning no livro “A Busca da Excitação”:

[...] a espetacularização das práticas esportivas também é vista por Elias no contexto da formação de um *habitus* esportivo, que se explica na constituição de torcidas e de um

público cativo. Ou melhor, é vista como funcional às necessidades que os indivíduos têm, na sociedade moderna, de buscar opções de lazer que sejam capazes de, ao mesmo tempo, excitar e permitir a liberação controlada de tensões, sem quebrar as regras mínimas de convivência social civilizada.

Desse modo, a transformação da prática esportiva para uma espetacularização foi à busca de preencher necessidades básicas dos indivíduos da sociedade moderna em relação aos seus instintos de forma aceitável pelo mundo civilizado. Além disto, alguns esportes se mostraram mais favoráveis a sua espetacularização, em vista da preferência do povo por determinada modalidade, assim como, a inserção do profissionalismo, diferenciando o atleta com os torcedores e, sobretudo, pelo consumo esportivo inserido na sociedade de massa que se observou a partir das transmissões proporcionadas pela mídia, a qual promoveu determinadas mudanças em algumas modalidades a fim de torná-las mais agradáveis ao seu público alvo (PRONI, 1998).

Em suma, Proni (1998, p.70) destaca a seguinte posição do esporte moderno na sociedade de consumo:

[...] se hoje o esporte ocupa uma posição de destaque na mídia, isto deve ser examinado a partir do modo como ele se insere numa sociedade na qual predomina o consumo de massa. Podemos facilmente constatar que a difusão e a popularização das práticas esportivas de um modo geral ajudaram a criar novos “modelos” sociais e a disseminar certos “estilos de vida esportivos”, o que propiciou condições para o surgimento e crescimento de indústrias de materiais e equipamentos destinados àquelas práticas. Paralelamente, a paixão despertada pelos esportes de alto rendimento (como o futebol) ajudou a formar um público de espectadores de competições esportivas “teatralizadas” (o que se manifesta, inclusive, no comportamento das torcidas uniformizadas). E com o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa, em especial das transmissões televisivas via satélite, os eventos esportivos ganharam uma visibilidade e um interesse social muito maiores.

Como visto, o esporte espetáculo característico da sociedade contemporânea foi sendo desenvolvido paralelamente a sociedade de massa e, portanto, do esporte vinculado ao consumo de signos, o que propiciou um ambiente de grande potencial para o crescimento da indústria esportiva, tal complexidade adquirida pelo esporte hoje em dia é descrito por Proni (1998, p. 72):

Por fim, não é difícil perceber que a espetacularização de modalidades esportivas avançou em consonância com a configuração de uma sociedade de massa, que oferece o ambiente propício ao desenvolvimento de uma indústria de entretenimento de massa e de agressivos métodos de marketing esportivos. É amplamente conhecido, hoje em dia, que muitas modalidades (especialmente as mais populares) vêm sendo reestruturadas em função da comercialização dos direitos de transmissão e da obtenção de patrocínios milionários. Os grandes atletas se transformaram em *mega-stars* e são pagos não apenas para competir, mas para fazer propaganda de empresas e produtos. Certamente, a enorme audiência dos

principais eventos esportivos e o sucesso de vendas dos periódicos especializados mostram como o grande público se identifica com o esporte espetacularizado, consumindo-o cotidianamente, ao mesmo tempo que os valores dos contratos de patrocínio e de transmissão exclusiva mostram que o esporte-espetáculo tornou-se um grande negócio e está definitivamente inserido na economia capitalista.

É exatamente este o atual panorama do esporte na sociedade contemporânea, o qual tornou-se um fenômeno da era moderna e é amplamente estudada e pesquisada no meio acadêmico.

Tal complexidade apresentada pelo esporte vigente terá um papel de suma importância no transcorrer do trabalho quando será enfatizado as categorias de formação do basquetebol masculino no Estado de São Paulo e a evolução do esporte moderno inserido no contexto do Brasil. Para tanto, a seguir será desenvolvido uma análise do basquetebol na estrutura nacional brasileira, em busca da origem do mesmo, da estruturação desta modalidade esportiva, suas principais peculiaridades e fatos históricos que marcaram o desenvolvimento do basquetebol masculino no Brasil.

3 A Estruturação do Basquetebol no Brasil

Este presente capítulo terá como fonte norteadora a importância de estabelecer ao leitor como se encontra estruturado o Basquetebol nacional através do levantamento do corpo teórico desta área específica. Faz-se necessário, também, a priori o esclarecimento e uma breve retomada histórica do surgimento do basquetebol no mundo, assim como, se encontra organizado internacionalmente e quais foram as diretrizes que seus principais representantes internacionais adotaram para o desenvolvimento e evolução do esporte.

3.1) Caracterização

Tendo como base que o basquetebol “... é um dos únicos jogos deliberadamente inventado, construído e criado com um objetivo previamente definido” (DAIUTO, 1991, p.63), se faz necessário uma abordagem em relação às características e definições do basquetebol uma vez que sua origem provém de objetivos claros para um entendimento do jogo como um todo.

Os autores Ferreira & De Rose Júnior (1987, p. 03), definem o basquetebol sendo “... constituído por uma soma de habilidades que unidas, compõem o jogo. Cada uma dessas habilidades, isoladamente constitui uma unidade significativa e total em si mesma”.

Dentro dessa diretriz de conceito relacionado as habilidades e exigências do esporte, Daiuto (1981, p.11), conceitua o basquetebol como “...um esporte complexo: é uma sucessão de esforços intensos e breves, realizados em ritmos diferentes. É um jogo de coordenação de movimentos, de grande intensidade motriz...”.

Esses conceitos estabelecidos pelos autores estão norteados por uma abordagem das exigências das capacidades físicas e habilidades predominantes dentro da estrutura do jogo basquetebol.

Tal estrutura do esporte propriamente dita encontra-se rigorosamente detalhada no livro organizado pela Federação Paulista de Basquetebol (FPB), que adotando as regras estabelecidas pela Federação Internacional de Basquetebol Amador (FIBA), caracteriza e define na regra um o jogo basquetebol (p.03):

Art. 1 – Definições

- 1.1- Basketball é jogado por duas (2) equipes de cinco (5) jogadores cada. O objetivo de cada equipe é jogar a bola dentro da cesta do adversário e evitar que a outra equipe obtenha o controle da bola ou faça pontos.
- 1.2- A cesta que é atacada por uma equipe é a cesta do oponente e a cesta a qual é defendida por uma equipe é a própria cesta da equipe.
- 1.3- A bola poderá ser passada, arremessada, “tapeada”, rolada ou driblada em qualquer direção, respeitadas as restrições dos artigos pertinentes das regras.
- 1.4- A equipe que fizer o maior número de pontos ao final do tempo de jogo do quarto período ou, se necessário, qualquer período extra, deverá ser o vencedor do jogo.

A partir de regras simples como descrito acima é que deriva a complexidade da modalidade basquetebol pelo próprio jogo em si mesmo, no que diz respeito aos sistemas defensivos e ofensivos, as ações táticas, as ações metodológicas de ensino entre outros que enriquecem a modalidade esportiva, porém, para chegar a tal conceito e definição aceita por todos foi necessário o esporte evoluir e se aperfeiçoar no decorrer do tempo adaptando-se e progredindo dentro do histórico de desenvolvimento do mesmo de acordo com as relações e necessidades entre seus praticantes e organizadores, desde seu surgimento até os dias atuais, o que será abordado nos tópicos seguintes.

3.2) Resgate histórico

Devido ao rigoroso inverno de Massachussets, Estados Unidos, a prática de esportes ao ar livre tornava-se totalmente inviável para os estudantes nas aulas de educação física do colégio internacional da Associação Cristã de Moços (ACM). Com o intuito de solucionar tal problema acadêmico o diretor do colégio da ACM de Springfield College, Luther Halsey Gullick, designou uma missão em 1891 ao professor canadense James Naismith de inventar “algum tipo de jogo sem violência que estimulasse seus alunos durante o inverno, mas que pudesse também ser praticado no verão em áreas abertas” (CBB).

O basquetebol foi então “concebido” com a importância de ser uma alternativa viável para a prática de atividade física na temporada de inverno norte-americano, assim como, uma opção de lazer e prática recreativa, já que seu jogo era realizado em locais fechados protegendo seus jogadores e expectadores das baixas temperaturas locais. Outra razão pela qual o basquetebol teve uma ascensão rápida e uma conseqüente popularização neste país se deve ao fato que nas outras épocas do ano nos Estados Unidos já tinham solidificado a prática de esportes como o futebol americano e o beisebol, sendo esses seus preferidos em cada determinada época do ano. Desse modo, o basquetebol encontrou um campo fértil para se desenvolver possibilitando aos seus praticantes uma opção prazerosa em uma época do ano que ainda não tinha consolidado nenhum jogo já “enraizado” culturalmente na população norte americana (BENELI, 2002).

Segundo Ferreira & De Rose Júnior (1987, p.01), os principais motivos que impulsionaram Naismith a inventar o basquetebol foram:

Os motivos que levaram Naismith a criar esse jogo foram:

- a necessidade de incentivar a prática da atividade física pelos alunos da ACM local, pois eles começavam a apresentar sinais de desinteresse devido à monotonia das aulas;
- a necessidade de criar uma atividade que pudesse ser realizada em local coberto, para fugir do inverno rigoroso daquela região americana; e
- a necessidade de uma atividade que pudesse ser praticada por um grande número de pessoas ao mesmo tempo.

Com os objetivos claros Naismith inventou um jogo nunca antes visto de uma complexidade tal que impulsionou a sua prática em todo território nacional dos Estados Unidos.

Para Ferreira & De rose Junior (1987, p.01), o jogo idealizado por Naismith se caracteriza da seguinte forma:

Naismith idealizou um tipo de jogo que se utilizava de uma bola maior do que as já empregadas em outros jogos existentes. Essa bola deveria ser lançada em um alvo colocado horizontalmente e em plano elevado.

O nome *basketball* (termo inglês que em português foi adaptado para basquetebol) originou-se do fato de serem utilizados cestos de pêssego (baskets = cestos/ ball = bola) como alvos para lançamentos da bola. Tais cestos foram colocados a uma altura de aproximadamente 3 metros do solo.

Desse modo, o basquetebol foi se estruturando e adaptando-se na medida que sua prática foi sendo dissipada por todo os Estados Unidos não se limitando a sua fronteira e sendo introduzido até o ano de 1900 “ao México (país vizinho ao EUA), na Europa (primeiro na França, depois na Inglaterra), na Ásia (China e Japão) e no Brasil” (DINIZ 2000, p.11).

O momento de máxima contemplação para o criador do basquetebol foi exatamente no ano de 1936, nas Olimpíadas de Berlim, quando o esporte no qual foi idealizado por Naismith acabou sendo incluído nos jogos olímpicos e o próprio Naismith lançou a bola ao alto que iniciou a primeira partida de basquetebol olímpica da historia (CBB).

Com o desenvolvimento e o avanço tecnológico dos meios comunicativos, assim como a televisão, o acesso e principalmente a informação do esporte foram e estão sendo influenciados por esses meios de comunicação na disseminação do mesmo na sociedade, ajudando a aumentar a sua popularidade. “... 1940 nos EUA, no Medison Square Garden, acontece a primeira partida televisionada” (BENELI, 2002, p.08).

Atualmente, as competições que apresentam uma maior notoriedade e destaque no âmbito internacional no basquetebol são os Jogos Olímpicos e os Campeonatos Mundiais. “Nos Jogos Olímpicos, em termos de masculino, historicamente existe a supremacia dos EUA em relação aos demais, com as extintas União Soviética e Iugoslávia, aparecendo também como destaques” (DINIZ, 2000, p.13).

Essa supremacia internacional norte americana se deve não somente por ter sido o país no qual foi inventado o basquetebol, já que podemos tomar como um bom exemplo o caso do futebol, onde o país que o originou, a Inglaterra, não apresenta uma soberania internacional dentro deste esporte. Mas, sim por como o basquetebol foi incorporado na cultura esportista norte americano e mais do que isso, conseguiram se organizar de tal forma, transformando o basquetebol praticado dentro do território nacional americano e a forma estrutural adotada reconhecida e respeitada internacionalmente.

A principal responsável por tamanho sucesso do basquetebol praticado nos EUA se deve a *National Basketball Association* (NBA), segundo Beneli (2002, p.08), “em 1948 foi criada oficialmente a NBA..., a liga profissional americana”.

Com a criação da NBA e principalmente pelas diretrizes adotadas a partir da gestão do atual presidente da liga americana, David Stern, o basquetebol tornou-se ainda mais visado e conhecido para o público em geral, tornando uma mercadoria viável e lucrativa para a mídia, sendo assim, incorporado pela indústria esportiva (RIFKING, 1999).

3.3) O basquetebol no Brasil

O Brasil foi um dos primeiros países do mundo a ter contato e conhecer o novo jogo basquetebol. Segundo Daiuto (1991, p.151), “o Brasil foi o primeiro país da América do Sul e o quinto do mundo a conhecer o basquetebol”.

Foi através do norte-americano Augusto Shaw nascido na cidade de Clayville, região de Nova York, EUA, o qual completou seus estudos na Universidade de Yale, onde em 1892 graduou-se como bacharel em artes e local onde tomou contato pela primeira vez com o basquetebol, dois anos mais tarde, em 1894, Shaw recebeu um convite para lecionar no tradicional Mackenzie College, em São Paulo, entre outras coisas e além dos livros de arte, o professor trouxe na sua bagagem uma bola de basquetebol. A nova modalidade foi de imediato aceita e incorporada com facilidade pelo público feminino e, além disso, havia a forte concorrência do futebol, trazido em 1894 por Charles Miller, e que se tornou a grande moda da época entre os homens. Por estes motivos, a difusão e a prática do basquetebol entre os rapazes foi tardia devido, sobretudo, ao machismo e o preconceito da época.²

A definitiva aceitação nacional do novo esporte veio através do Professor Oscar Thompson, na Escola Nacional de São Paulo e Henry J. Sims, então diretor de Educação Física da Associação Cristã de Moços (ACM), do Rio de Janeiro. Os primeiros torneios de basquetebol foram realizados na cidade do Rio de Janeiro em 1912. Já em 1915, a ACM realizou o primeiro torneio da América do Sul, com a participação de seis equipes.

A repercussão e o sucesso foram tamanhos que a Liga Metropolitana de Sports Athléticos, responsável pelos esportes terrestres no Rio de Janeiro, resolveu adotar o basquetebol em 1916. O primeiro campeonato oficializado pela Liga foi em 1919, com a vitória do Flamengo.

No ano de 1922 foi convocada pela primeira vez a seleção brasileira, pela comemoração do Centenário do Brasil nos Jogos Latino-Americanos, entre as seleções do Brasil, Argentina e Uruguai. Neste torneio e sob a direção do técnico Fred Brown o Brasil sagrou-se campeão. Em 1930, com a participação do Brasil, foi realizado em Montevideú, o primeiro Campeonato Sul-Americano de Basquete (CBB).

² Informações estas referenciadas no site da Confederação Brasileira de Basketball (CBB)
<http://www.cbb.com.br/conheca_basquete/basquete_no_brasil_news.asp>

Houve uma cisão no esporte nacional em 1933, a partir do momento em que os clubes que adotaram o profissionalismo no futebol criaram entidades especializadas dos vários esportes. Por necessidade estrutural foi fundada em 25 de dezembro de 1933 a Federação Brasileira de Basketball, no Rio de Janeiro. Em 1941, no dia 26 de dezembro foi aprovado na assembléia o nome Confederação Brasileira de Basketball, o qual passou a vigorar desde de então.

O basquetebol passou por tanto, a ter uma própria entidade responsável pela organização do esporte no Brasil, ajudando no desenvolvimento do mesmo.

A primeira participação do basquetebol masculino nas Olimpíadas ocorreu em Londres em 1948, conseguindo a respeitável e honrada medalha de bronze logo na sua estréia nos jogos. A respectiva equipe brasileira estava sob a tutela do técnico Moacyr Daiuto e era formada pela seguinte geração de craques: Amaury, Rosa Branca, Wlamir Marques. Liderados por tais jogadores a seleção brasileira masculina conseguiu conquistar nessa geração mais duas medalhas de bronze, respectivamente em Roma-1960 e Tóquio-1964. Também alcançaram um excelente resultado na Olimpíada do México em 1968, conseguindo a quarta colocação. Já em 1959, a seleção brasileira conquistou pela primeira vez o título do mundial realizado no Chile, impulsionando e colocando o basquetebol brasileiro no cume da modalidade (BENELI, 2002).

O clímax dessa geração ocorreu com a consagrada conquista do bicampeonato, realizado no Brasil no Maracanãzinho, com uma esplendida campanha, vencendo as doze equipes presentes no campeonato. E, a mesma geração conquistou a terceira colocação no Mundial de 1967 no Uruguai, o segundo lugar no Mundial de 1970 na Iugoslávia. Fica aqui evidente o histórico belíssimo e sem precedentes da atuação do basquetebol masculino brasileiro no cenário internacional nessa época. Segundo Beneli (2002, p.09), o “período de 1954 a 1970 foi o auge do basquetebol brasileiro, onde o Brasil conquistou os seus resultados mais importantes”.

Após essa fase extraordinária do basquetebol brasileiro, uma nova etapa emergiu, na qual evidencia pela peculiaridade da ausência de títulos internacionais. Nos anos que seguiram a década de 70, somente uma outra geração apareceu com prestígio e destaque internacional, a qual foi representada pelos jogadores Oscar e Marcel.

Beneli (2002, p. 09-10), relata os acontecimentos após a década de 70, enfatizando principalmente o “[...] que aconteceria também na década de 90. A geração que conquistou todos esses títulos começou a se aposentar e a equipe caiu bastante de produção ficando apenas em sétimo nas Olimpíadas de Montreal-1976”.

Segundo o autor fica evidente a queda dos resultados provocada após a retirada do âmbito esportivo do basquetebol de uma geração inteira, a qual não contou com uma renovação da mesma com jogadores mais novos provindos das categorias de formação, demonstrando assim, uma falta de coerência no trabalho a longo prazo dentro do basquetebol brasileiro, fato esse que ocorrera novamente na década de 90 com a aposentadoria da geração do Oscar.

No final da década de 70 surgiram dois grandes ídolos do basquetebol brasileiro que marcaram uma época e foram símbolos de uma geração de talentos, são respectivamente Oscar e Marcel. Esta geração conquistou o quinto lugar nas Olimpíadas na ex-União Soviética, conseguindo tirar o ardo peso da não classificação para a Olimpíada anterior da última seleção. Outras conquistas dessa geração liberadas por Oscar, Marcel, Cadum, Gerson, Israel entre outros foram o quarto lugar no Mundial de 1986 na Espanha, o quinto lugar nas Olimpíadas 1980 e 1988 na Coreia, além de um título Pan-americano em 1987 na cidade de Indianápolis, título esse que foi a consagração dessa geração e é sempre lembrada pelos principais meios de comunicação do país (Beneli, 2002).

Tais conquistas foram de extrema importância para o basquetebol brasileiro e ajudaram a recuperar o prestígio do esporte adquiridos no período de 1954 a 1970, auge do basquetebol brasileiro. Porém, após a passagem desses jogadores pela seleção brasileira o que seguiu foi uma década de 90 com praticamente nenhuma representatividade para basquetebol brasileiro. Para Beneli (2002, p.10) “O Brasil nessa década teve o seu pior desempenho em toda a história do basquetebol masculino do nosso país”.

Vidal (1991, p.17-18), descreve a respeito da situação do basquetebol brasileiro na década de 90:

A situação do basquetebol brasileiro é, numa palavra, trágica. Num país de dimensões tão grandes como o nosso, essa atividade praticamente se restringe a um estado, São Paulo que, na realidade, é a própria razão de ser do basquetebol brasileiro. A prática desse esporte em São Paulo é grande, se comparada à de outros estados, mas é muito pequena tendo em vista a potencialidade desse estado, sem dúvida o mais desenvolvido e mais populoso do país. Nos outros, a situação é bem pior, inexistindo basquetebol em diversos deles ou então sua prática é tão reduzida que sua presença não se faz sentir. Aí está a razão pela qual todas as seleções nacionais, desde infantis e juvenis até adultas, tanto masculinas como feminina, são formadas por atletas de São Paulo, muito embora o número de equipes seja reduzida também nesse estado.

Dessas seguintes afirmações detalhadas pelo autor, a mais lamentável constatação cabível neste momento é que após terem passado mais de dez anos de sua publicação pouco se mudou em relação ao basquetebol brasileiro. (DINIZ, 2000).

Os resultados pouco relevantes do basquetebol masculino nessa década de 90, citados anteriormente, permite refletir que tais fatos poderão influenciar na cadeia de desenvolvimento do esporte no país, desde os profissionais até o mini-basquetebol nas categorias de formação, tendo o cuidado de não inferir a respeito da correlação da via direta dos resultados internacionais e a situação da modalidade nacional, mas sim que quando se realiza um trabalho nacional de qualidade, visando melhorar a estrutura interna da modalidade, isto pode vir a se refletir nos parâmetros internacionais, mesmo que esta modalidade não tenha uma grande representatividade quantitativa de sua prática e massificação nacional.

Foi relatado até o presente momento o histórico do basquetebol brasileiro, juntamente com seus mais relevantes fatos e acontecimentos que marcaram o desenvolvimento do esporte no país, com uma perspectiva tanto nacional como internacional atingida nas determinadas épocas, as quais deixaram os seus respectivos legados.

A descrição dos rendimentos dos selecionados brasileiros desde sua primeira formação se fez necessária, pois tais dados irão ajudar num momento posterior deste trabalho na relação dos mesmos com as determinadas formas administrativas do basquetebol nacional do amadorismo ao profissionalismo, estabelecendo uma relação entre as categorias de formação no estado de São Paulo (de acordo com Vidal é o estado onde está concentrado a grande maioria de praticantes desta modalidade) com a própria forma de organização do basquetebol masculino brasileiro, no que diz respeito aos organizadores, comissão técnica, jogadores, os meios de comunicação e as transformações ocorridas no cenário esportivo mundial com o esporte espetáculo.

4 As Influências provindas do esporte moderno nas categorias de formação do basquetebol masculino do Estado de São Paulo

O presente capítulo terá como meta estabelecer uma descrição acadêmica a respeito das categorias de formação do basquetebol masculino do Estado de São Paulo, destacando suas principais características, englobando desde a sua fomentação como prática esportiva (as equipes, número de atletas, as associações, ligas, F.P.B., os clubes, entre outros) até a forma institucional pela qual está sendo desenvolvida a organização do mesmo por todo o Estado de São Paulo. E, assim estabelecer uma inter-relação sobre os conceitos do esporte moderno vigente e o atual panorama do basquetebol masculino no âmbito nacional e estadual com a situação apresentada pelas categorias de formação.

4.1) Aspectos organizacionais e administrativos das categorias de formação do Estado de São Paulo

A entidade historicamente responsável pela organização do basquetebol paulista é a Federação Paulista de Basquetebol (F.P.B.), a qual manteve um controle por toda a estrutura e desenvolvimento do basquetebol no Estado por diversos anos, inferiorizando qualquer instituição que tentasse organizar uma nova forma administrativa para a fomentação da modalidade, fato este que posteriormente sofreria transformações devido as exigências e a viabilidade para a continuidade da modalidade principalmente no que diz respeito ao interior paulista.

Tradicionalmente a F.P.B. organizava o basquetebol estadual dividindo-o em dois grandes centros, sendo respectivamente um pólo representado pela região da Grande São Paulo e o outro pelo Interior paulista, até então, a região da Baixada Santista pertencia ao campeonato do interior, o que representava uma grande incoerência, já que no transcorrer do campeonato algumas equipes tinham que atravessar a capital paulista para chegar ao destino dos jogos localizados no litoral.

Em vista deste fato, ultimamente a região da Baixada Santista foi incorporada ao pólo da Grande São Paulo, onde os campeonatos passaram a ser designados de Metropolitano³ (DINIZ, 2000).

Mesmo perante este novo contexto, tal divisão sempre foi alvo de incessantes críticas provindas em sua maioria dos clubes inseridos no pólo do Interior paulista. A principal arguição destes clubes estava pautada na disparidade em relação ao custo financeiro para a participação dos campeonatos organizados pela F.P.B. entre os clubes do Metropolitano e os do Interior, tendo em vista que os gastos dos clubes do interior eram indubitavelmente maiores, principalmente dos clubes ou escolas que participavam de várias categorias.

Outra questão de suma importância está relacionada a necessidade de facilitar e incentivar a prática esportiva formal da modalidade no interior paulista, principalmente nas categorias de formação, pois a forma como estava sendo direcionado o desenvolvimento da iniciação da modalidade no interior não condizia com as necessidades do mesmo para a fomentação do basquetebol desta região.

Diniz (2000), aponta que na última década do século XX o campeonato Metropolitano continha aproximadamente vinte equipes por categoria, já no interior a realidade era completamente diferente, sendo que praticamente não estavam participando mais do que oito equipes no Mini e a categoria Mirim não passavam de dez equipes nos campeonatos realizados pela F.P.B. E, a categoria Pré-mini passou a ser disputada somente no Metropolitano nesta década descrita pelo autor, para o Interior passou a somente ser realizado festivais em cidades diferentes, devido, sobretudo à escassez de equipes.

Esta nova realidade apresentada pela situação do basquetebol no Estado de São Paulo viabilizou a criação de ligas e associações regionais em todo o interior paulista, o que antes era

³ Anteriormente a nomeação do Metropolitano o campeonato era designado como Campeonato da Capital, contendo equipes de São Paulo, Guarulhos e do ABC.

estritamente função da F.P.B, porém, tal contexto apresentado deixou a federação numa posição desfavorável em vista que ela por si só não conseguiu atender as demandas e necessidades exigidas. Assim, uma proposta de parceria entre a F.P.B e as ligas regionais tornou-se plausível, a qual foi efetivamente concretizada no ano de 1999, como descreve Diniz (2000, pg. 28):

[...] em 1999, quando os campeonatos nas categorias Pré-Mini, Mini, Mirim e Infantil masculinos foram divididos em regiões, estruturados pelas ligas, apontando as melhores equipes, para a disputa das finais do Interior, evento esse promovido pela F.P.B., concedendo a oportunidade dos dois melhores colocados participarem das finais estaduais, juntamente com os dois melhores de cada categoria, na Grande São Paulo.

Desta forma, a F.P.B. conseguiu de certo modo sanar algumas das inquietações e críticas a respeito da forma pela qual estava sendo dividido o campeonato dentro do estado de São Paulo. Esta parceria com as ligas e associações trouxe benefícios para ambos os lados, pois o custo dos clubes com transporte, inscrições das equipes, inspeção de quadra, arbitragem e a alta competitividade existente decorrida da escassez de equipes foi, a princípio, solucionada com a inserção e atuação das ligas e associações no âmbito regional, diminuindo os gastos financeiros dos clubes na medida que a maioria dos jogos a serem disputados encontravam-se localizados numa mesma região. E, com a diminuição do custo financeiro para participar das ligas e associações promoveu o acesso de clubes e escolas que anteriormente não tinham condições de participar do campeonato interior aos moldes da F.P.B.

Não obstante, a F.P.B. também saiu lucrando com essa parceria, pois tal instituição se absteve de organizar um campeonato do interior que em sua maioria contava com um reduzido número de equipes participantes, o que era um empecilho devido as constantes reclamações das mesmas equipes, passando a atuar somente em meados de Setembro quando se dava o início do cruzamento dos melhores de cada liga regional e financeiramente não saiu prejudicada na medida que a grande maioria das equipes do interior mantinham-se filiadas a entidade por possuírem as categorias posteriores. (DINIZ, 2000).

De certo modo, a parceria entre a F.P.B. e as ligas do interior está amenizando a pequena participação existente da modalidade de forma oficial, ou seja, organizada pela F.P.B e/ou pelas Ligas Regionais nas categorias de formação do estado de São Paulo, o qual por sua vez é o centro da modalidade no país, a situação como se pode constatar não é favorável para a modalidade como um todo visto que o pólo de fomentação do basquetebol nacional como descrito por Vidal

no capítulo três, o Estado de São Paulo, não está sendo aproveitado em relação ao seu potencial de desenvolvimento.

A pesquisa descrita por Diniz em 1999 (2000, pg. 100), expõe quantitativamente a complexa situação das categorias de formação e o seu potencial de crescimento no âmbito do basquetebol no Estado de São Paulo:

[...] foi demonstrado que somente 3.350 adolescentes participaram das categorias Pré-mini, Mini e Mirim de 1999,, em todo o Estado de São Paulo, representando aproximadamente 0,1% da população existente na faixa etária dos 10 a 14 anos, onde ,em 1998, apresentava 3.240.909 de indivíduos
Também foi apresentado que, se somente 1% dessa população tivesse interesse pela prática do basquetebol, significaria mais de 29.000 interessados que não participaram dos campeonatos oficiais, organizados pela F.P.B. e pelas ligas regionais.

Fica evidente pela pesquisa elaborada pelo autor que a prática oficial das categorias de formação em todo o Estado de São Paulo está reduzido em vista da potencialidade apresentada pelos números referentes a população na faixa etária entre 10 a 14 anos de idade, demonstrando desta forma a fragilidade e certa ineficiência das formas administrativas e organizacional vigente no Estado de São Paulo. A parceria federação/ligas foi uma forma pela qual se pode amenizar tal situação, porém como visto não é o suficiente para se fomentar em sua totalidade e aproveitar a real potencialidade do estado paulista na modalidade basquetebol.

Outro fato de suma relevância pauta-se na questão da maior competitividade, elevado número de equipes de formação e da superioridade dos mesmos inseridos na Grande São Paulo em relação as equipes do Interior.

Segundo a pesquisa elaborada por Beneli (2002, pg. 42), o autor expõe a questão da superioridade histórica apresentada pelas categorias de formação referente as equipes da Capital em relação as do Interior, analisando uma amostragem quantitativa de todos os títulos dos Campeonatos Estaduais organizado pela Federação Paulista de Basquetebol das equipes da Capital e do Interior em cada uma das categorias de formação, desde 1939 até 2002. Como demonstra a tabela abaixo:

Tabela 1 Federação Paulista de Basketball, 1939 a 2002. Fonte

Categorias	Número de Títulos nos Campeonatos Estaduais	
	Equipes do interior	Equipes da Capital
Pré-mini	2	2
Mini	7	26
Mirim	8	27
Infantil	5	16
Infanto	8	33
Cadete	3	6
Juvenil	7	35
Total	40	145

Pela análise da tabela desenvolvida pelo autor fica evidente a hegemonia das equipes da Capital sobre as equipes do Interior, demonstrando dessa forma que o campeonato Metropolitano encontra-se em um estágio de organização, competitividade, quantidade de atletas mais elevado em comparação ao interior. Isto se dá, sobretudo, a uma conjuntura de fatores que favorecem a estrutura de organização dentro do campeonato Metropolitano, entre elas se destacam as seguintes: região altamente populosa, grande quantidade de clubes, onde em sua maioria possuem um elevado número de sócios, juntamente com um custo financeiro acessível de participação dos campeonatos organizados pela F.P.B, tudo favorece e facilita a formação de mais de uma categoria por clube, aumentando assim, a competitividade do campeonato e do nível do jogo, como apresentado pela superioridade da Capital na tabela acima.

No entanto, em relação as categorias superiores, mais especificamente da categoria adulta, o que se observa é exatamente o oposto da realidade das categorias de formação, ou seja, como a maioria dos clubes da Capital não apresentam equipes do adulto disputando a primeira divisão do Campeonato Paulista Adulto organizado pela F.P.B, chamado de A-1, ocorre um processo inverso, ou seja, as equipes do interior apresentam uma hegemonia no paulista. O último título conquistado por uma equipe da capital foi em 1986 com o Monte Líbano, desde então, as equipes do interior mantiveram-se triunfantes. No total foram 17 títulos conquistados pelas equipes do interior em contrapartida, os times da capital ganharam 7 títulos nos Estaduais. (BENELI, 2002).

Neste contexto se destacam dois pontos de suma importância para o entendimento de como se encontra formatado o desenvolvimento do basquetebol paulista. O primeiro está pautado no evidente panorama da falta de continuidade de formação de atletas jovens, na medida em que os clubes responsáveis pelas categorias de formação em sua maioria não apresentam equipes na A-1, prejudicando o desenvolvimento destes jovens atletas, que se vêem forçados a saírem de suas casas prematuramente para tentarem se profissionalizar na modalidade, ocasionando casos de especialização precoce e, conseqüentemente, ao abandono da prática esportiva.

O segundo ponto se encontra na questão da quebra de tradições, ou seja, grandes clubes que no passado recente foram referências nacionais de desenvolvimento do basquetebol, não mais apresentam equipes disputando a primeira divisão do paulista, ambos os fatos serão abordados com mais ênfase posteriormente.

4.2) Do amadorismo ao profissionalismo: o esporte moderno e a entrada do capital

Como descrito no capítulo três, o basquetebol se instalou predominantemente nos clubes, os quais passaram a desenvolver a modalidade no país, fato este que se assemelhasse as demais modalidades que foram incorporadas e trazidas de outros países, um excelente exemplo é o caso do voleibol, como descreve Marchi Jr (2001, pg. 104):

[...] reafirmamos que a via de inserção da modalidade no Brasil não foi a escola, e sim a reprodução de um sistema de representações existentes nas estruturas que compõem um clube. Essa instituição possui em seu quadro de associados agentes dotados de determinado perfil social, composto e construído à base do respectivo potencial de capital social, econômico e cultural, capaz de enfatizar posições e distinções de classe.

A priori, o basquetebol obteve uma rápida e crescente evolução dentro do território nacional, em vista dos resultados obtidos e, também, devido ao nicho clubístico nesta época por volta de 1930 e 1970, como destaca Marchi acima, este representava um ambiente ideal e compatível para a filosofia esportista vigente brasileira desta época, ou seja, do ideal amador e dos atributos referente ao esporte moderno exposto pelos estudos do autor Hobsbawm no segundo capítulo deste trabalho, no que diz respeito a distinção e identificação das classes sociais, em especial das elites em relação as demais classes.

Sobre tal situação o autor Beneli (2002, pg. 14), descreve sobre a via de divulgação da modalidade no país inserido na sociedade brasileira:

[...] a via clubística foi utilizada como meio de divulgação da modalidade no Brasil, dada a baixa qualidade de desenvolvimento das instituições ligadas ao ensino em nosso país e a formação de um determinado grupo de perfil social dominante nos clubes, ou seja, a elite clubística.

Deste modo, o basquetebol passou a ficar circunscrito dentro de uma realidade pertencente a uma minoria da parcela da população brasileira, já que o primordial objetivo dos clubes em sua grande parte é exatamente favorecer e possibilitar o acesso de seus associados aos serviços prestados pelo mesmo e não promover o esporte para o restante dos indivíduos que não possuem as condições para tal e, conseqüentemente, este fato limita e restringe a prática da

modalidade, visão esta compatível com os atributos e funções do esporte moderno dentro de uma sociedade para identificação e criação de grupos sociais descritos pelo historiador Hobsbawm.

Na época este ambiente apresentado pelos clubes e o ideal da filosofia amadora foram compatíveis e suficientes para o fomento da prática esportiva, já que não era necessário um investimento em larga escala por parte dos clubes para a participação e iniciação no cenário esportivo brasileiro da época. Neste período, os clubes foram os grandes responsáveis pelo desenvolvimento das modalidades esportivas brasileiras, tendo em vista que o esporte no Brasil não se fundamentou na escola, nem tampouco pelo apoio do Estado ou da participação privada, como relatado por Paes na entrevista realizada pelo autor Trevisani (1997, p. 26):

Ao contrário de muitos países com tradição esportiva, o esporte no Brasil não se fundamentou na escola ou com o forte apoio Estatal ou de empresas, mas, principalmente, pelos clubes que sempre foram, quase que exclusivamente, os responsáveis pelo fomento à prática esportiva.

Desta forma amadora o basquetebol foi sendo desenvolvido no transcorrer da história dentro do território nacional, não obstante, com o andar e evolução das relações humanas no âmbito social e principalmente econômica, o esporte passou a desempenhar outras funções dentro deste novo panorama internacional, contexto este que foi descrito no decorrer do capítulo dois, pela análise do esporte espetáculo à luz do autor Proni.

A entrada do capital no meio esportivo acaba por fim chegando ao mundo do esporte, o que era inevitável em virtude da potencialidade econômica nata do ambiente esportivo, ainda mais com a incorporação deste pelos meios capitalista de produção e comunicação em massa predominante na sociedade ocidental do século XX, tendo como maior representante os EUA, tornando-se de vital importância para as relações econômicas e sociais da era moderna. Como constata Nuzman (1996, p. 14):

Não há outra atividade no mundo moderno que gere mais entusiasmo, interesse e emoção que o esporte. Nunca na história da humanidade um ramo de nossa vida cultural e social foi tão dominante quanto é o esporte hoje em dia. Não é à toa que o esporte e os diversos negócios que dele advém constituem a vigésima maior indústria dos EUA; uma indústria maior que o petróleo, a madeira e o transporte aéreo. Nenhum evento alcança tantas pessoas ao mesmo tempo quanto os Jogos Olímpicos ou a Copas do Mundo de Futebol.

No Brasil esta transformação ocorreu de forma gradativa na medida que os clubes, base do fomento da prática esportiva nacional não estavam estruturados para uma mudança desta

natureza, sendo que passou a predominar uma época de características tanto amadora quanto profissionais do esporte brasileiro, data esta distinta do amadorismo marrom.

A estrutura de desenvolvimento do esporte, portanto, continua sendo amadora e as relações entre os atletas, comissão técnica e patrocinadores começaram a tomar uma direção ao profissionalismo, cada vez mais crescia-se o número de indivíduos que passaram a se dedicar exclusivamente a modalidade basquetebol, sendo condizente com a demanda e a exigência do treinamento físico, técnico e tático do esporte de alto rendimento. A filosofia amadora e romântica não poderia ser mais sustentada por um longo período de tempo e as ajudas financeiras que atletas e comissões passaram a ganhar foram aos poucos se transformando em salários dignos.

Observa-se neste momento uma contradição dentro deste sistema, já que toda a estrutura envolvida pelo basquetebol estava se tornando profissional, mas o clube, principal responsável pela infra-estrutura esportiva estava sendo dirigido por amadores, predominantemente sócios voluntários, fato este que prejudica o andamento e elaboração de projetos a longo prazo, pois com uma troca de presidência clubística, a política do clube pode sofrer grandes transformações, prejudicando os interesses do basquetebol e das empresas dispostas a patrocinar tal modalidade. Assim, os clubes apresentam ser um local muito instável e imprevisível.

É inquestionável que a partir da inserção do esporte espetáculo na sociedade brasileira o apoio e parcerias com patrocinadores é de vital importância para a sobrevivência e manutenção de equipes para a disputa de campeonatos de alta performance.

Com a chegada do capital ao meio clubístico oriundos dos patrocinadores e portando do marketing esportivo, o que se observou foi uma extinção dos principais clubes de tradição de fomentação da modalidade no Estado de São Paulo e, conseqüentemente, do Brasil, fato este apresentado pelo indicio da pesquisa levantada por Beneli a respeito da supremacia recente das equipes adultas do interior paulista. A estrutura administrativa e filosófica de trabalho dos tradicionais clubes manteve-se intacta mesmo perante toda as transformações que vinham ocorrendo no meio esportivo nacional e internacional.

Esta quebra de tradições promoveu também uma ruptura no desenvolvimento dos atletas jovens nesta modalidade, pois, com o elevado custo financeiro para a manutenção de uma equipe adulta disputando a serie A-1 e a incompatibilidade dos clubes em conseguirem patrocínio para o campeonato paulista, os mesmos passaram a somente dar continuidade as categorias de formação,

prejudicando e forçando os jovens atletas a saírem de suas casas precocemente, como já relatado, e em sua maioria dirigindo-se as equipes do interior paulista onde os patrocinadores são os responsáveis pela formação das equipes predominantemente, encarregando aos clubes o simples papel de filiação com a F.P.B., pela qual as equipes necessitam estar vinculadas legalmente para a participação dos campeonatos promovidos por esta entidade.

Este panorama apresentado como se pode observar é de total incoerência, já que tanto as categorias de formação quanto as categorias superiores estão sendo prejudicadas, pois o problema é exatamente o sistema administrativo de organização do esporte, o qual não apresenta diretrizes e normativas claras que direcionem num desenvolvimento lógico da modalidade dentro das demandas do esporte moderno da sociedade atual. Ou seja, com a quebra das tradições de clubes, os principais responsáveis pelas categorias adultas passaram a ser os patrocinadores, que em sua maioria visam um retorno rápido a curto prazo, não desenvolvendo nas cidades trabalhos de iniciação esportiva, já que os contratos normalmente são de um período curto e de praxe os patrocinadores contratam equipes inteiras para categorias como a juvenil e outras, prática esta que corrompe os lugares onde se desenvolve um trabalho sólido de formação esportiva, pois a duração de tais equipes tem prazo de validade, ou seja, quando expirar o contrato do patrocinador e não for de interesse do mesmo dar continuidade ao projeto, tudo se “evapora”, como se nada tivesse ocorrido na cidade, um verdadeiro efeito relâmpago.

O basquetebol que por muito tempo foi considerado a segunda modalidade de maior popularidade do país foi aos poucos perdendo a sua preferência à modalidades que conseguiram dialogar com as transformações que vinham ocorrendo no esporte moderno inserido na sociedade brasileira, e que principalmente mantiveram regras sólidas para a inserção do capital do patrocínio aos clubes dentro da lógica do marketing esportivo, vinculando tanto o desenvolvimento de categorias adultas quanto da iniciação esportiva.

No caso do basquetebol percebe-se um certo caos neste sentido, pois nesta modalidade o capital ao invés de promover e facilitar o desenvolvimento e a evolução da modalidade acabou levantando o aparecimento de novos problemas de origem estrutural, na medida que não houve um controle e direcionamento coerente do capital a ser investidos pelas empresas patrocinadoras.

O capital, na modalidade do basquetebol, vêm alcançando e privilegiando somente as categorias adultas, ou seja, não houve uma preocupação por parte da entidade responsável pela modalidade em estabelecer um controle e normas claras para a inserção do capital na modalidade,

o que ocasionou no abandono das categorias de formação e na quebra de clubes tradicionais no desenvolvimento do basquetebol por não conseguirem espaço dentro deste caos e descaso.

Como tudo se encontra inter-relacionado, o descaso⁴ pelas categorias de formação vem trazendo suas conseqüências em toda a estrutura da modalidade, ou seja, a falta de apoio para as categorias de formação prejudica o desenvolvimento do mesmo limitando, assim, a potencialidade da mesma em formar atletas preparados para a alta competitividade tanto nacional quanto internacional. Isto se verifica pela desconfortável situação do basquetebol brasileiro pelos resultados apresentados no transcorrer do capítulo três.

Por sua vez, a falta de representatividade e exposição na mídia potencializa um possível desinteresse de empresas patrocinadoras para a modalidade, o que acaba prejudicando as categorias adultas, diminuindo o nível dos campeonatos, uma vez que um número reduzido de equipes detentoras de patrocínios de grande poder financeiro acabam por monopolizar os principais atletas nacionais, tornando os campeonatos discrepantes entre o nível das equipes, diminuindo o interesse do público em relação aos jogos, e conseqüentemente, da mídia em transmiti-los em rede aberta por toda a nação, fechando o ciclo e transformando o problema em uma verdadeira “bola de neve”.

⁴ O devido estudo está pautado no sistema organizacional de desenvolvimento da modalidade basquetebol dentro do Estado de São Paulo, é necessário que se tenha claro a importância para a modalidade dos trabalhos desempenhados por diversos profissionais competentes para a fomentação do basquetebol, porém, infelizmente são ações isoladas que não possuem o respaldo das entidades competentes.

5 Considerações Finais

Mesmo com as devidas transformações ocorridas no transcorrer da evolução do esporte moderno dentro da sociedade brasileira, desde o ideal da filosofia amadora hegemônica no começo do desenvolvimento da modalidade no país até a completa passagem ao profissionalismo como já apresentado, a forma como se manteve estruturado o desenvolvimento das categorias de formação do Estado de São Paulo permaneceram, predominantemente, inalteradas, ou seja, as mudanças provindas do esporte moderno interferiram minimamente nos alicerces na modalidade do basquetebol paulista.

Como constatado no decorrer do trabalho, os clubes ainda representam a base da iniciação esportiva paulista no basquetebol, já que não ocorreu nenhuma atuação efetiva de políticas voltadas para o desenvolvimento da mesma, a fim de promover a popularização e massificação do esporte, sendo realizada da mesma forma estrutural apresentada no início do desenvolvimento do esporte no país.

O basquetebol devido a este fato ainda permanece, predominantemente, com características elitistas, sendo praticado por uma minoria privilegiada, pois a política dos clubes, como relatado, não promove o acesso do esporte para a maioria dos indivíduos que não possuem o acesso para tal ambiente.

Portanto, o modelo de formação esportivo paulista praticamente não sofreu transformações significativas para o desenvolvimento das categorias de formação. A entrada do capital no cenário paulista de basquetebol, como visto, não obedeceu a uma lógica clara, a fim de favorecer a macro estrutura do basquetebol com um todo. Fatores como o interesse político, poder e dinheiro nortearam as diretrizes para a inserção do marketing esportivo dentro da modalidade do basquetebol, ocasionando, entre outros, na ruptura de tradições de clubes que já detinham um histórico de fomentação do basquetebol e, também, não conseguindo solucionar o problema referente ao reduzido número de praticantes de forma formal da modalidade dentro do Estado, como exposto pelas pesquisas apresentadas no decorrer deste trabalho.

É lamentável que o estado brasileiro de maior representatividade da prática do basquetebol não esteja sendo aproveitado devidamente, tendo em vista, a possibilidade e

potencialidade de evolução do desporto dentro do estado paulista. A crítica na qual este atual trabalho está pautada enfatiza no modelo vigente de estrutura de fomentação do basquetebol. É de total incoerência que se sobreviva um sistema baseado na realidade passada da história esportiva paulista, como tal estrutura conseguirá atender as devidas demandas da sociedade e do esporte moderno, já que tal sistema não evoluiu, deixando de acompanhar as mudanças do cenário esportivo nacional e internacional, mantendo-se a estrutura de desenvolvimento de iniciação esportiva aos moldes da época do ideal amador brasileiro, porém, com um agravante, a quebra de clubes de tradição, prejudicando a formação de jovens atletas e de identificação por parte da sociedade como um todo.

Como apresentado no transcorrer do trabalho certas iniciativas foram realizadas a fim de minimizar a incompatibilidade do sistema a respeito da iniciação esportiva do basquetebol paulista, uma delas foi a parceria feita entre as Ligas Regionais do Interior com a entidade, até então, responsável pela organização da modalidade paulista, a F.P.B.

No entanto, o modo pela qual foi feita tal parceria assemelha-se a um processo de cooptação, ou seja, de união para o desenvolvimento de uma ação empreendedora conjunta e, portanto, a proposta das ligas em promover o acesso de clubes, escolas, e, conseqüentemente, de crianças e adolescentes, antes impossibilitados de participar formalmente em campeonatos organizados pela F.P.B., foi aos poucos perdendo a sua razão de ser, na medida em que, se tornou sócio e, assim, cúmplice, sendo inserido no próprio sistema vigente, perdendo o seu principal trunfo e diferencial, o que era exatamente oferecer uma alternativa para o desenvolvimento do basquetebol paulista.

O potencial de desenvolvimento e evolução do basquetebol inserido no Estado de São Paulo é gigantesco e precisa ser aproveitado corretamente pelas entidades responsáveis pela fomentação do desporto em sua plenitude. Já se faz necessário uma modernização da estrutura e organização da modalidade do esporte, com o intuito de atender as expectativas de todos os envolvidos nela, de uma forma nova e condizente a real demanda do esporte moderno dentro da sociedade brasileira.

Os agentes responsáveis pela modalidade no estado paulista precisam melhorar o atual panorama apresentado pelo basquetebol estadual, sobretudo, em virtude de sua potencialidade adormecida e da representatividade deste esporte na história esportiva estadual. Projetos e planejamentos coerentes de longo prazo necessitam ser realizados com o intuito de promover e

facilitar o acesso da maioria da população para a prática do esporte, assim como, evoluir e modernizar a estrutura macro do basquetebol estadual englobando toda a sua formatação.

Referências Bibliográficas

A História Oficial do Basquetebol. Disponível em:

<http://www.cbb.com.br/conheca_basquete/hist_oficial.asp>. Acesso em: 20 de agosto. 2005

A História Oficial do Basquetebol: O Basquete no Brasil. Disponível em:

<http://www.cbb.com.br/conheca_basquete/basquete_no_brasil_news.asp>. Acesso em: 22 de agosto. 2005.

BENELI, L. Melo. **Organização do Basquetebol masculino brasileiro: Reflexões sobre a trajetória institucional da modalidade a partir dos anos 70**. Campinas, 2002, Monografia (Graduação) – Universidade Estadual de Campinas.

BENELI, L. Melo; MONTAGNER, P. César. **O modelo de Brohm e a organização do basquetebol masculino brasileiro**. Sujeito a publicação.

BOURDIEU, Pierre. “Como é possível ser esportivo?” In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro, Marco Zero, pp. 137-153. 1983.

DAIUTO, Moacyr. **Basquetebol: origem e evolução**. São Paulo, Iglu, 1991.

DAIUTO, Moacyr. **Basquetebol: manual do técnico**. São Paulo, Cia. Brasil, 1981.

DINIZ, Ângelo. **O basquetebol paulista: análise crítico-pedagógica sobre sua iniciação**. Campinas, 2000, D615b. Tese (Mestrado)- Universidade Estadual de Campinas.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 15ª Edição. São Paulo, Editora Perspectiva S.A, 2000.

FERREIRA, Aluisio; DE ROSE JR., Dante. **Basquetebol: técnicas e táticas, uma abordagem didático-pedagógicas**. São Paulo, EPU, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1987.

HOBBSAWM, Eric J. **A Era dos Impérios 1875 – 1914**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

KÖCHE, J. Carlos. **Fundamentos de metodologia científica: Teoria da ciência e iniciação à pesquisa**. 21ª Edição. Petrópolis, RJ, Editora Vozes, 1997.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3ª Edição. São Paulo, Atlas, 1991.

LUCEDA, R. Figueiredo; PRONI, M. Weishaupt (org.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas, SP, Autores Associados. 2002.

MARCHI JR., Wanderley. **“Sacando” o voleibol: do amadorismo à espetacularização da modalidade no Brasil (1970-2000)**. Campinas, 2001. Tese (Doutorado)- Universidade Estadual de Campinas.

NUZMAN, A. Carlos. A importância do marketing esportivo no esporte. In: **Seminário INDESP de Marketing Esportivo**. Ouro Preto, 26 a 29 out. Brasília: Instituto Nacional de Desenvolvimento do Desporto, 1996.

PILATTI, L. Alberto. **A interpretação do esporte na obra de Eric Hobsbawm: um olhar sobre a sociedade burguesa**. In: *Conexões: educação, esporte, lazer*. Campinas, v. I, n. 2, p. 7-24, jun. 1999.

PRONI, M. Weishaupt. **A metamorfose do futebol**. Campinas, SP. Universidade Estadual de Campinas, IE, 2000.

PRONI, M. Weishaupt. **Esporte – espetáculo e futebol – empresa**. Campinas, 1998. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Campinas

RIFKING, Glenn. **Strategy & Business/Booz-Allen: A melhor jogada da NBA**. HSM Management, 13 março-abril, 1999.

SÃO PAULO. Federação Paulista de Basketball (F.P.B). **Regras oficiais de basketball e manual dos árbitros: regras adotadas da Federação Internacional de Basquetebol Amador (FIBA)**, São Paulo, 2000.

TUBINO, M.J. Gomes. **Dimensões sociais do esporte**. São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1992.

TUBINO, M.J. Gomes. **Teoria geral do esporte**. São Paulo, IBRASA, 1987.

VIDAL, Ary. **Basquetebol para vencedores**. Porto Alegre, Rigel, 1991.